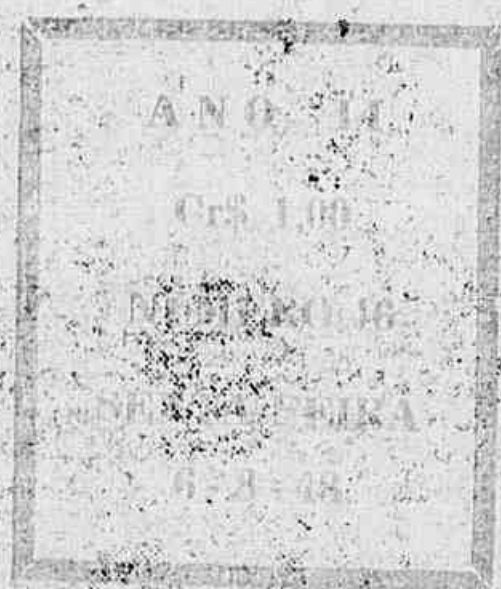
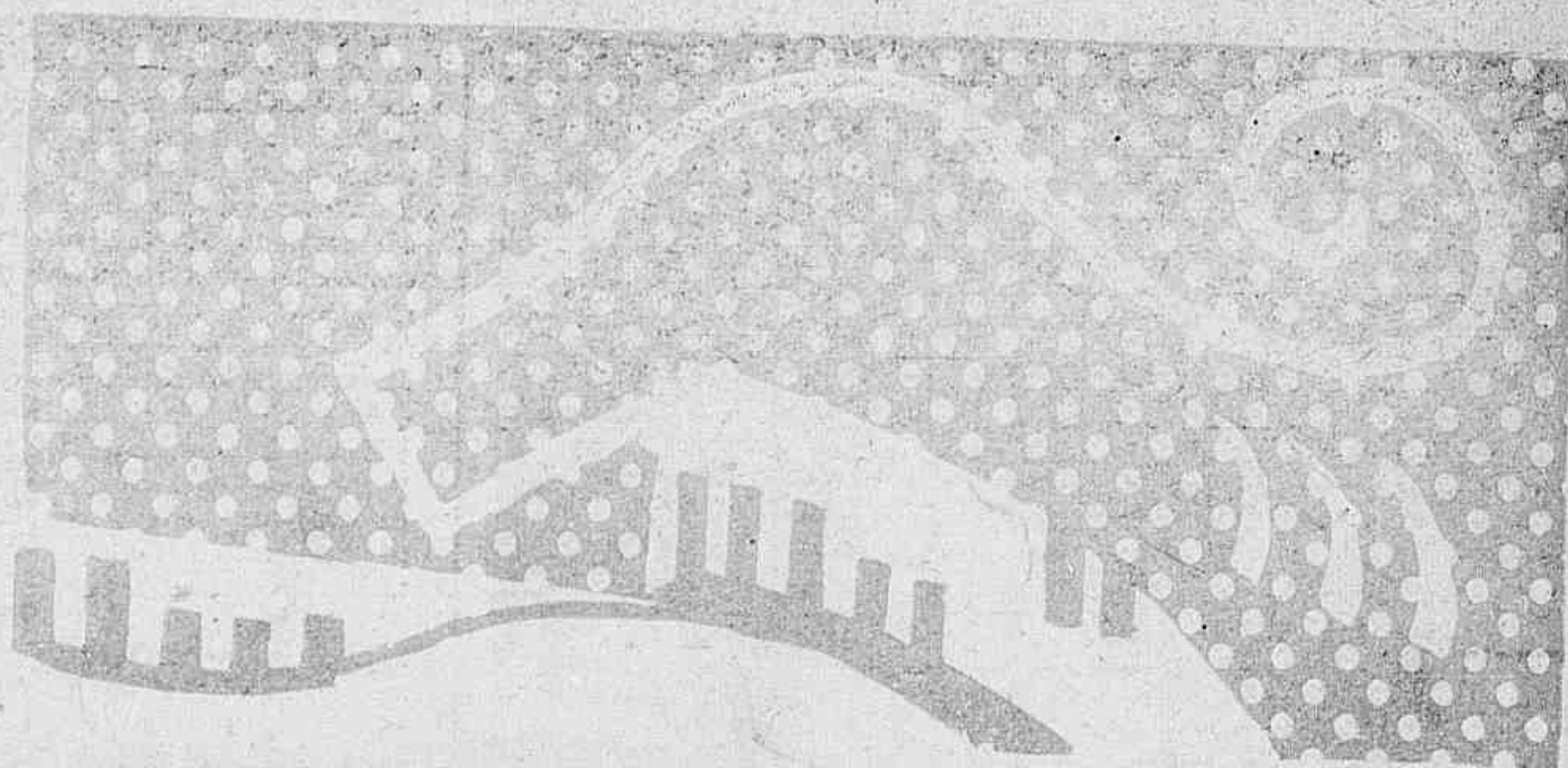




MOENTO feminino



A VEREADORA LIGIA LESSA BASTOS DIRIGIU A SESSÃO DA
CÂMARA LEGISLATIVA EM 29 DE JULHO PASSADO. É A PRI-
MEIRA VEZ QUE ISSO ACONTECE NA CAPITAL DA REPÚ-
BLICA E AS MULHERES COMEÇAM REALMENTE A
OCUPAR O LUGAR QUE MERECEM NA VIDA POLÍTICA
E SOCIAL BRASILEIRA.

Nossos problemas

ARCELINA MOCHEL

Uma das nossas preferências nesta coluna tem sido o problema da infância brasileira, sempre desprezada e dia a dia ficando acumulada de gravíssimas consequências.

No momento, (pelo menos alguns jornais tem publicado com certo destaque), há um bonito movimento em torno da proteção à infância, com campanha financeira já iniciada.

Deve haver um plano de realizações. Eis uma medida que traz certas esperanças aos pais, que só tem sofrido angústias e desesperos, perdendo seus filhos permanentemente pela falta absoluta de conforto.

É certo que o problema infantil em nossa pátria, — porque sempre foi subestimado —, apresenta múltiplos aspectos, todos necessitando de ser atacados para uma justa solução. Mas, se o ataque em conjunto for considerado secundário, para cairmos num plano de auxílio de determinado setor, não passará de uma campanha idealista, sem louváveis consequências.

Temos lido muito acerca do assunto e notamos divergências de opiniões entre os pediatras, às vezes desligados da solução conjunta dos problemas sociais.

A coisa tem de ser olhada em todos os prismas. O perigo é cairmos no falso raciocínio de que resolvida uma parte já é alguma coisa. Não. O binômio "mãe-filho" exige uma solução completa.

Quando lutamos contra a mortalidade infantil, que, realmente, constitui uma nódoa na vida brasileira, inevitavelmente vemos de um lado a proteção à maternidade, que até então vem sendo negada, e o amparo à infância, que também tem sido deixado à margem.

Em todos os Estados do Brasil, esta dolorosa trindade de problemas não tem constituído preocupação dos governos, de maneira que, se está provado que o índice de mortalidade infantil no Brasil atinge a cifra de nada me-

nos de 150 mortos para mil vivos, em certos Estados, levando em consideração a população, esse problema agrava, pelo próprio índice, a situação. Assim, Pernambuco e Piauí, dão 800 mortos para 1.000 vivos, Ceará e Sergipe, 300 para mil e Pernambuco, mais calamitoso, nos dá 50% de mortalidade infantil sobre sua população.

Não somos dos que pairam na vergonha desses fatos. Temos de analisar, fundamentalmente, suas causas. E, sem entrarmos nas subsidiárias, não podemos deixar de reconhecer que a mortalidade infantil no Brasil reside na miséria, no pauperismo do nosso povo. O problema educacional da grande população brasileira, pode ir para a categoria de sub-fator influencial na mortalidade infantil.

Quando olhamos cheios de pasmo para a miséria de nossas favelas e casas de cômodo e vemos as calçadas cheias de mendigos, utilizando seus filhos para mais comoverem a piedade pública, não nos lembramos do outro lado de miséria que paira no nordeste brasileiro, tão comovente quanto revolvente.

A subnutrição campeia, as doenças lastram indefinidamente, a miséria é crescente e as consequências são fatais. Toda criança no nordeste, desde os primeiros dias de vida come o chamado angú, enrolado no dedo de qualquer pessoa da casa, de preferência a pobre avó ou a irmanzinha mais velha. A água é a lavagem da bôca, que escorre com os restos do angú. Geralmente a mãe não dá leite, porque o peito seca ao terceiro dia ou, quando o dá, é um leite sem gordura e sem vitaminas, de corrente da péssima alimentação que tem. Os cuidados higiênicos são nulos, a partir do parto: Nunca se vê um nenenzinho com fraldas, senão embrulhado em trapos velhos das comadres amigas que apresentaram a nova parturiente com aquele pano, que já foi roupa

de gente, muitas vezes contaminadas de certas enfermidades perigosas. Quando chove a criança não tem amparo especial, mesmo porque não há recursos para tal. As casas de palha não podem abrigar bem. As crianças nascidas muito pequenas, ignora-se que a causa tenha sido o alcoolismo ou a sífilis e, então, a solução parece ser dar o que comer, recaído-se no círculo vicioso do angú ou o leite de uma amiga que também esteja criando, sem a preocupação de que seja esse um bom ou mal alimento para o recém-nascido.

A precariedade de recursos materiais para a família pobre brasileira é a fonte principal da mortalidade infantil. Meios de vida difíceis, salários baixíssimos, custo de vida elevado, falta de assistência médica gratuita de maneira a satisfazer as necessidades nacionais, como podemos sanar o problema da mortalidade infantil, sem encarar esses problemas básicos que o originam? Daí termos essa preocupação na grande campanha nacional em favor da nossa infância: Filho significa mãe e mãe é lar. A realidade do problema vai além das pesquisas dos laboratórios, dos dados estatísticos, dos temas dos jornais, do sentimentalismo humano.

Numa campanha em prol da mortalidade infantil, inevitavelmente terá de ser olhada com carinho a vida comum do nosso povo, o descaso que paira sobre ela e principalmente o desprezo mantido contra a camada mais empobrecida de nossa pátria. Agora é preciso penetrar na angústia dos lares nordestinos, quer das cidades como dos campos, se queremos salvar a infância brasileira e preparar a nova geração vigorosa e produtiva.

Todas nós, queridas amigas, necessitamos viver com interesse especial a grande campanha de proteção à infância, porque esse é um dos nossos mais angustiantes problemas nacionais.



YARA SALES, artista de rádio e de teatro, a grande animadora do "Trem da Alegria"



Anunciem em

"MOMENTO FEMININO" De semana em semana

ESPORTE

TORCEDORES

SANDRO MOREYRA

Não há dúvida que o futebol é o esporte favorito do nosso povo. Tão popular que possui um público cem vezes maior do que qualquer outro. Explicar porém a razão dessa preferência é coisa difícil. Enchendo os estádios da cidade há gente de toda as tendências, homens e mulheres, cada qual, apreciando, á sua maneira, o que se passa em campo. O torcedor típico — a grande maioria — é o que vai aos jogos torcer freneticamente por seu clube, para ele o melhor do mundo. Transforma o futebol-diversão em futebol-sofrimento. Sofre. São noventa minutos de emoção intensa, de nervos violentamente sacudidos, de garganta em fogo. Outros mais práticos vão aos estádios fazer dinheiro. Apostam em tudo. No clube que primeiro entrará em campo, no que abrirá a contagem, no total da renda, em muitas coisas mais. Torcem de acordo com a aposta que fizeram. Há também outro grupo, este reduzido, que assiste a partida pelo espetáculo. Gosta da parte técnica, dos bons lances, de um goal bonito. Não têm clube. Admiram a melhor equipe. E há ainda as meninas elegantes e bonitas, vivas e alegres que enfeitam as arquibancadas. Do futebol só sabem que um time tem de meter a bola no goal do outro. Por isso sempre que a pelota anda perto dos arcos, soltam uns gritinhos nervosos, estridentes, que ferem os ouvidos da gente, mas que a gente perdôa porque afinal elas são belas, belíssimas até.

E, por fim há os que vão uma vez para não mais voltar. Absolutamente não gostam. Um deles conheço, que ouvindo alguém dizer que certo jogador tinha usado de inteligência na conquista de um goal, saltou logo revoltado:

— Inteligência? Inteligência em futebol? Bolas! É a primeira vez que essa palavra entra em campo...

O telegrama veio num cantinho de jornal. O título "Um prefeito de saias" demonstrava pequeno convite ao riso. Apesar dos telegramas serem, muitas vezes, mentirosos, esse comve, enleia e dá à gente uma bruta vontade de ir ver de perto dona Noca. A história merece ser contada: a Prefeitura de São João dos Patos (no Maranhão) está entregue à Joana Rocha Santos que "pertence a tradicional família local". D. Joana na intimidade (velho hábito brasileiro do apelido) é chamada Noca. Quando recebeu a Prefeitura a renda era de Cr\$ 30.000,00 (trinta contos, na velha linguagem) mas Noca elevou-a à Cr\$ 600.000,00 (seiscientos contos) e — pasmem as leitoras — sem aumentar impostos. Grandes obras públicas foram realizadas, principalmente — diz o telegrama — construção de estradas, abertura de estradas, assistência social.

Em São João dos Patos — não há mendigos nem vagabundos nas ruas.

Leiam este trecho que reproduzimos na íntegra: Quando falta trabalho, dona Noca monta a cavalo, coloca um 38 à cintura e vai para o mato com os trabalhadores cortar madeira, que depois é vendida ou empregada em obras públicas. Todos têm uma ocupação e ninguém passa fome. A cidade, por iniciativa da prefeita, possui a melhor luz elétrica da região. Quando o poste fica em frente a casa de um pobre, que não pode pagar, dona "Noca" manda baixar a lâmpada, para que a luz ilumine o interior da casa.

Na cidade ninguém briga nem provoca questões. A Prefeita é quem casa, prende e solta. Não é que isso signifique uma negação ao regime legal, mas a cadeia vive vazia e o fôro não tem movimento. Todos conhecem a lei e as alterações são raríssimas.

É interessante ainda salientar que o Maranhão é o único Estado que possui oito Prefeitas, num total de 18 municípios.

O telegrama termina, como de praxe falando em Schopenhauer, naquela velharia muito cretina de misturar cabelos compridos com idéias curtas.

Para nós outras dona Noca é um bom símbolo do que somos e do que valemos neste Brasil como em outra qualquer parte do mundo. Foi a própria vida que levou-nos à responsabilidade, à vontade de, ser útil, ao brutal desejo de romper cadeias e élos e ficar um ser humano, capaz e eficiente.

D. Noca enche esta semana. Outras coisas aconteceram, várias coisas se premeditam, mas d. Noca realiza. E isso basta num momento brasileiro triste, sem Sol, com crianças morrendo e mulheres chorando.

O revólver de d. Noca não deve ter terminado com sua feminilidade. Ela deve amar, sorrir, brincar, comover-se, chorar como todas as outras mulheres. E deve sofrer nas suas realizações diante da falta de capacidade que vêm demonstrando aqui e em outras partes os prefeitos de calça, barbados e agressivos.

D. Noca deve existir, tem que existir, como um símbolo.

ENEIDA

CURIOSIDADES

NADIR

A palavra "nadir" é derivada do árabe "nadir", isto é, oposto, do verbo "nadhara", que quer dizer contemplar, estar situado em frente.

Em astronomia, "nadir" é o ponto imaginário do céu, situado sobre a vertical de um lugar, no lado da terra oposto àquele em que se encontra o observador. Isto é, nos antípodas. O nadir é o ponto exatamente oposto: zenite, que se encontra sobre a cabeça do observador.



— Garantiram-me que ele era de pura lá.

Quando o tio Leras, guarda-livros da firma Lubuse & Cia., saiu do estabelecimento, ficou alguns instantes ofuscado com o esplendor do poente. Trabalhava todo o dia sob a luz amarelada do bico de gás, nos fundos da loja, que davam para um pátio estreito e profundo como um poço. A pequena sala onde há mais de quarenta anos passava os seus dias era tão escura que, até no rigor do verão, raramente se podia deixar de acender a luz das onze às três horas.

Ali sempre havia humidade e frio; e as emanações daquela espécie de fumaça para onde se aia a janela entravam no sombrio aposento, enchendo-o de um odor de mofo e de uma pestilência de esgôto.

O sr. Leras, durante quarenta anos, penetrava cada manhã, às oito horas, naquela prisão; e ali ficava até às sete da tarde, curvado sobre os seus livros, escrevendo com uma aplicação de empregado modelo.

Tendo começado com mil e quinhentos francos por ano, ganhava agora três mil. Permanecera celibatário, pois os meios não lhe permitiam que tomasse esposa. E nunca tendo gozado de nada, não desejava grande coisa. De tempos em tempos, no entanto, cansado da sua contínua e monótona tarefa, formulava um voto platónico: "Ah! se eu tivesse cinco mil libras de renda, levaria uma vida folgada".

Mas nunca a levava folgada, pois

contava tão sómente com o seu ordenado mensal.

A vida rra-lhe sem acontecimentos, sem emoções e quase sem esperança. A facilidade de sonhar, que cada qual trás consigo, jamais se desenvolvera na mediocridade de suas ambições.

Entrara aos vinte e um anos na firma Lubuse & Cia. E não mais saíra.

Em 1856 perdera o pai, depois a mãe em 1859. E desde então, nada mais lhe onocera além de uma mudança em 1868, quando o senhorio lhe quis aumentar o aluguel.

Todos os dias o seu despertador, à seis em ponto, fazia-o saltar do leito, com um terrível fragor de corrente que se desenrola.

Por duas vezes, no entanto, a referida máquina se desarranjara, em 1866 e em 1871, sem que ele jamais tivesse sabido por que. Vestia-se, fazia a cama, varria o quarto, espanava a sua cadeira e a sua cômoda. Todas essas tarefas lhe tomavam hora e meia.

Depois saía, comprava um "croissant" na pastelaria Lahure, da qual conhecia os proprietários diferentes sem que a casa tivesse perdido o nome, e punha-se a caminho, mastigando a sua gulodite.

Sua existência se desenrolava inteira no estreito escritório sombrio, forrado com o papel de sempre. Ali entrara jovem, como auxiliar do sr.

Brument e com o desejo de substituí-lo.

Tinha-o substituído e não esperava mais nada.

Toda essa messe de recordações que acumulam os homens no decorrer da vida, os acontecimentos imprevisíveis, os suaves ou trágicos amores, as viagens aventurosas, todos os acasos de uma existência livre, tudo isso lhe era estranho.

Os dias, as semanas, os meses, as estações, os anos se haviam assemelhado. Na mesma hora, cada dia, ele se levantava, partia, chegava ao escritório, almoçava, jantava e deitava-se, sem que nada jamais interrompesse a regular monotonia dos mesmos gestos, dos mesmos fatos e dos mesmos pensamentos.

Outrora olhava o seu bigode louro e os cabelos ondeados no pequeno espelho redondo deixado pelo seu predecessor. Contemplava agora, cada tarde, antes de partir, o seu bigode branco e a sua fronte calva no mesmo espelho. Quarenta anos se haviam escoado, longos e rápidos, vazios como um dia de tédio, e iguais, como as horas de uma noite de insônia! Quarenta anos de que nada restava, nem mesmo uma lembrança, nem mesmo uma desgraça, desde a morte de seus pais. Nada.

Naquele dia, o sr. Leras parou ofuscado, a porta da rua, pelo fulgor do sol poente; e, e vez de ir para casa, teve a idéia de dar uma pequena volta antes da janta, o que lhe acontecia umas quatro ou cinco vezes por ano.

Alcançou os bulevares, por onde fluía uma onda de gente, sob as árvores reverdecidas. Era uma tarde de primavera, uma dessas primeiras tardes mornas e brandas que perturbam os corações com uma embriaguez de vida.

O sr. Leras seguia com o seu passo saltitante de velho; seguia com um júbilo nos olhos; feliz com a alegria universal e a tepidez da atmosfera.

Chegou aos Campos Elísios e continuou a caminhar reanimado pelos effluvis de juventude que perpassam na brisa.

O céu inteiro flamejava; e o Arco de Triunfo recortava a sua massa negra sobre o fundo esbraseado do horizonte, como um gigante de pé em meio de um incêndio. Quando chegou ao pé do monstruoso monumento, o velho guarda-livros sentiu que tinha fome e dirigiu-se a um bar-restaurant para jantar.

Serviram-lhe a fregada estabelecimento, na calçada, perna de carneiro com molho branco, uma salada e espargos, e o sr. Leras jantou como nunca em muitos anos. Regou o seu queijo de Erle com uma meia garrafa de Bordéus fino; depois bebeu uma taça de café, o que raramente lhe acontecia, e em seguida um pequeno copo de fina champagne.

Depois que pagou, sentiu-se todo animado, todo alegre, meio tonto mesmo. E pensou: "Eis uma bela tarde. Vou continuar meu passeio até a estrada do Bosque de Bolonha. Isso me fará bem".

E seguiu. Uma velha canção, que cantava outrora uma de suas vizinhas, lhe voltava obstinadamente à memória.

Quando o bosque reverdece
Meu namorado aparece:
Anda comigo, querida,
Sob a ramagem florida.

Ele a trauteava sem fim, fecundava-a mil vezes. A noite desceva sobre Paris, uma noite sem vento, uma noite de estufa. O sr. Leras seguiu a avenida do Bosque de Bolonha e olhava o desfile dos fiacres. Estes passavam, com seus olhos brilhantes, um após outro, entremostrando por um segundo um casal enlaçado, ela de branco e ele de negro.

Era uma longa procissão de smorosos, sob o céu estrelado e ardente. E continuava sempre, sempre. Eles passavam, reclinados nos carros, mudos, aconchegadinhos, perdidos na alucinação, na emoção do desejo, no frémito do enlace próximo.

A sombra quente parecia chela de beijos que vojavam, fluíam. Uma sensação de ternura enlanguencia o ar, tornava-se mais abafado. Todos aqueles pares entrelaçados, todos aqueles casais embriagados com a mesma expectati-



va, com os mesmos pensamento, irradiavam uma febre em torno de si. Todos aqueles carros, plenos de carícias, lançavam de passagem como que uma sutil e perturbadora emanação.

O sr. Leras, um pouco cansado, enfim de caminhar, sentou-se num banco para olhar a passagem daqueles carregados de amor. E, quase em seguida, aproximou-se uma mulher e tomou lugar no mesmo banco.

— Olá, meu velho! — disse ela. O sr. Leras não respondeu. Ela continuou:

— Deixa-te amar, querido; tu vais ver como eu sou boazinha.

Ele articulou: — A senhora está equivocada, madame.

Ela tomou-lhe o braço: — Vamos, não te faças de bobo, escute...

Ele se havia erguido. E afastou-se com o coração oprimido.

Com passos mais adiante, outra mulher o abordava.

— Vem sentar-te um instantinho comigo, riqueza!

Ele lhe disse: — Por que se dedica a esse profissão?

A mulher então plantou-se na frente dele e, com uma voz mudada, rouca, malévola: — Bolas! Não é sempre por prazer.

Ele insistiu num tom mais suave: — E então? Por que faz isso?

Ela resmungou: — Mas é preciso viver, homem de Deus!

E retirou-se cantarolando.

O sr. Leras permanecia atordoado. Outras mulheres passavam por ele, chamavam-no, dirigiam-lhe convites.

Alguma coisa negra e afilada lhe parecia pairar sobre a sua cabeça. E sentou-se de novo. Os carros continuavam a passar.

— Seria melhor que eu tivesse vindo, pensou ele, eis-me agora todo... todo não sei como...

Pôs-se a pensar em todo aquele amor, venal ou apaixonado, em todos aqueles bellos, pagos ou livres, que desfilavam à sua frente.

O amor! Ele não o conhecia. Não possuía na vida mais duas ou três mulheres, por acaso, por surpresa, pois seus recursos não lhe permitiam nenhum extra. E pensava na vida que tinha levado, tão diferen-

te da vida de todos, aquela vida tão obscura, tão morna, tão chata, tão vazia.

Há criaturas verdadeiramente sem sorte... E de súbito, como se um espesso véu houvesse rasgado, ele percebeu a miséria, a infinita a monotona miséria de sua existência. A miséria passada, a miséria presente, a miséria futura: os últimos dias semelhantes aos primeiros, sem nada à sua frente, nada atrás de si, nada em derredor, nada no coração, nada em parte alguma.

O desfile dos carros continuava. E ele sempre via aparecerem e desaparecerem, na rápida passagem do fiacre descoberto, as duas criaturas silenciosas e enlaçadas. Parecia-lhe que a humanidade inteira desfilava à sua frente, ébria de alegria, de prazer, de felicidade. E ele sozinho a olhá-la! E estaria aí sozinho amanhã, sozinho sempre, sozinho como ninguém neste mundo.

Ergueu-se, deu alguns passos e subitamente fatigado, como se acabasse de fazer uma longa viagem, sentou-se no banco seguinte.

Que aguardava? Que esperava ele? Nada. Pensava em como tudo seria bom, quando velho, encontrar no regresso à casa um grupo de crianças tagarelas.

Envelhecer, é doce, quando nos cercam essas criaturas que nos levam a vida, que nos amam, que nos acariciam, que nos dizem essas palavras encantadoras e ingênuas que aquecem o coração e nos consola de tudo.

E, ao pensar no seu quarto triste, no seu pequeno quarto limpo e triste, onde nunca entrara outra pessoa e não ser ele, confrangeu-lhe uma sensação de angústia. E naquele quarto se lhe afigurou ainda mais lamentável do que o seu pequeno escritório.

Ninguém ali chegava; ninguém ali falava jamais. Era morto, mudo, sem eco de voz humana. Pensava que as paredes conservavam qualquer coisa das pessoas que viviam no seu recinto; qualquer coisa do seu ar, do seu rosto, das suas palavras. As casas habitadas por famílias felizes são mais alegres do que as moradas dos miseráveis. O seu quarto era deserto de recordações, como a sua vida. E amedrontava-o o pensamento de tornar a entrar naquela peça, sozinho, de se

(Conclui na 15.ª pag.)

Eu não sei contar casos leves

HOMERO HOMEM

Minha amiga Eneida pede uma crônica "em estilo leve" sobre esta pesada questão das histórias em quadrinhos. Mas ainda irei eu buscar leveza de estilo para falar de um assunto que anda crespo e panfletário nas páginas dos jornais — e do qual me tenho ocupado sob a pressão de um sentimento onde entram, em doses iguais, a colera, o desgosto e a humilhação?

Numa terra onde são tantos e tão graves os temas adultos é lamentável que ainda estejamos a dar batalha aos monstros gráficos que certos diretores de jornal põem em mãos infantis, enquanto o povo adulto desfalece de outras dores e cólicas mais sérias. Mas, melhor meditando, tudo são galhos da mesma árvore pôdre que nos afoga em sombras a triste cabeça, e os monstros que as crianças assimilam na leitura dos gibis são os mesmos fantasmas que vamos beber inadvertidamente, noutras travestizações, nas páginas de certos jornais.

Que sei eu de leveza nesta questão das histórias em quadrinhos? Esmiuçando bem o único caso leve foi aquele telefonema. Percy tem dezessete anos, não mais, e liga quando dá na telha, para me informar de coisas que, mais das vezes, me ficam coçando no ouvido como lambida de cão. Telefonou ontem para me dizer no seu jeito macio: — "Eu li suas reportagens no 'Diário', sabe? e fiz um pacote dessas bobagens de gibis e vendi na quitanda".

Eis aí um evidente caso leve. Outros decerto devem estar acontecendo cidad a-fora, enquanto escrevo. Benza-os Deus! Que os casos leves cada dia ganham menos espaço no noticiário das folhas. Como prosseguir na crônica, sem eles nos vespertinos? Segue de qualquer maneira, crônica molinajá que te reges mais pela lei da amizade do que pela lei das crônicas: prometi a Eneida.

Se olho para dentro do assunto verifico como os episódios são tristes e inapeláveis. Há aquele do menino, coitadinho, que leu no "Gibi" uma maravilhosa e interminável história de "Fantasma Voador" e quis o pobre, ele próprio, tentar voo da janela do seu apartamento. Em resultado teve as pernas e costelas horrivelmente fraturadas, porque sendo leve o seu voo, e elegante, ele não chegou a contrariar, de tão rápido que foi, os princípios gerais que regem o voo dos fantasmas e das crianças que se atiram pela janela. Este não é propriamente um caso leve. Mas não sei de outros e por isso vou contando, com um antecipado perdão! às moças que fazem este jornal, que só querem higiene de assunto nas páginas. Também a propósito de revistas infantis postas sem uma pré-leitura em mãos de crianças, há aquele caso do menino de Petrópolis que teve o corpo fino esbraseado em bocados vermelhos dos quais escorria sangue e que ficaram pregados nas paredes da garagem onde em companhia de outros pequenos inventores reconstituía secretamente a fórmula de um explosivo recomendado pelo "Gibi" em outra publicação semelhante.

Podeis dizer que os dois fatos aqui resumidos são, um trágico e, outro horrível — e ambos cuidadosamente selecionados para intrigar a opinião pública com tais revistas, ou meter paura aos pais de família que levam inadvertidamente essas publicações para a sala de jantar da família. E eu não vos direi outra coisa, senão — me desculpei, mas em matéria de histórias em quadrinhos eu não sei de casos leves. E em insistindo vós em mais histórias eu vos contaria terceira, e se leveza nela não encontrades a culpa será mesmo do cronista borocochô, terrivelmente impregnado de um assunto perverso e endemoniado, onde a morte entra em muito maior grau do que a vida. E em vós dizendo exageros! — eu vos direi que não tenho culpa de que seja assim, e que o pouco aqui relatado já saiu nos jornais e de minha parte nada adicionei, antes subtraí, porque em obediência à encomenda desta crônica aqui se deve falar de casos leves. E como não os sei em número e grau suficiente, me fecho em silêncio, que é de resto, segundo um velho texto lido e mal recordado, o mais adequado estilo para falar de coisas leves.

LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Um dos problemas mais em foco no momento é o da literatura infanto-juvenil, no que diz respeito à história de quadrinhos. MOMENTO FEMININO vivamente interessado pelo assunto foi ouvir o professor Edgard Susskind de Mendonça, um

dos que se vem batendo pelo saneamento da literatura para crianças. O professor Susskind, professor escrever para nosso jornal, o histórico do problema que hoje francosamente publicamos, agradecendo a colhida gentil que merecemos.

PORQUE A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO TRATOU DO ASSUNTO

De longa data, pode-se dizer mesmo desde a sua fundação há cerca de 25 anos, que a ABE vem tratando da questão das leituras infanto-juvenis: na sua Seção de Cooperação da Família, sob a presidência de Arminda Alvaro Alberto, que atualmente preside a Comissão onde o assunto foi inicialmente debatido no corrente ano, muitas têm sido as realizações que vieram documentar os debates e estudos levados a efeito no seio da Associação. Lembremos algumas dessas realizações: dois inquéritos sobre leituras preferidas pelas nossas crianças e adolescentes em 1925 e 1930; duas exposições de literatura infantil (1934 e 1936); publicação de listas de leituras (1929). Os temas da extinção de bibliotecas populares, maior eficiência das bibliotecas escolares e saneamento cultural e moral das revistas infanto-juvenis, têm motivado frequentes debates e palestras de especialistas na Comissão de Bibliotecas e Literatura Infanto-Juvenil. Se o tema das revistas mereceu vir a público ultimamente, deve-se o fato a uma proposta do prof. Pascoal Lemme apresentada naquela Comissão na reunião em que se discutia a atitude da ABE em relação às conclusões do 2º Congresso de Estabelecimentos Particulares de Ensino, motivando debates que tiveram grande publicidade primeiramente devido à colaboração de "Diário de Notícias". Já um inquérito realizado pelo

Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, do Ministério da Educação, em 1933, focalizara a condenação às atuais revistas infanto-juvenis em termos de pedagogia, não lhe dando infelizmente sanção prática. O Congresso de Escritores Juvenis, reunido em Belo Horizonte e em vista de novamente se reunir nesta Capital, concretizou a sua condenação em um memorial enviado ao Congresso Nacional, mas aquilo que os jovens congressistas formularam em termos de independência cultural os nossos velhos congressistas no Palácio Tiradentes foram convertendo em termos de censura oficial.

MAS NÃO É SO NO BRASIL QUE PRODUZ A LITAGIA

Sim, a intensificação do estilo "quadrinhos" (os "flans" dos norte-americanos) é uma praga universal contra que vêm protestando os educadores de vários países. A começar pelos Estados Unidos. Mera mesmo uma tendência psicológica da nossa época empolgada pelo cinema o grande cineasta da arte e do cinema. A técnica cinematográfica, visualizando cada vez mais a técnica da transmissão, haveria de levar mesmo, nos setores de publicidade onde isso fosse mais possível, à hipnotização dos "quadrinhos". No Brasil, então, e nos países de fraca produção das artes gráficas, com os preços proibitivos dos livros dada a escassez de suas tiragens (limitação de papel, maquinaria e público leitor), a tendência universal desse gênero de publicidade

de imediato havia de tornar-se um quase exclusivismo, em detrimento, já não digo só da literatura de pensamento, mas da própria literatura de enredo. Pregaça mental des que se iniciam na leitura, falta de recursos financeiros da grande massa de nossos jovens que não podem frequentar escolas e bibliotecas e falta de tempo e aptidão cultural dos nossos jovens escolares para leituras que não sejam as dos compêndios onde a matéria que "cai" em exame, tudo isso se soma e se multiplica para dar em resultado o triste sucesso das nossas atuais revistas infanto-juvenis.

Convencidos dos benefícios da visualização como recurso pedagógico, não podemos, nós os professores, ser contra a transmissão do pensamento por "quadrinhos", mas o que julgamos nocivo é que haja perseguição transmitida pelos quadrinhos; aceitamos a técnica, mas insurrimo-nos contra a matéria contida nesse gênero de revistas, se é que se pode chamar de matéria a essa vacuidade mental que fica como resíduo no espírito, quando este é triturado pelo atrito de centenas de quadrinhos em disparatada disparada.

FUNDAMENTOS ECONÔMICOS DA QUESTÃO

O fator decisivo da disseminação dessas revistas é o fator econômico; a enchente proveio da vante de leituras mais apropriadas, mas a causal que a está produzindo, tem nascentes bem conhecidas. Trata-se de um caso de produção em massa, despersonalizada, desmoralizada, que atrofia a produção local. Na Associação Brasileira de Educação, mau grado o que propalaram certos interessados em fazer cessar os debates com suas invenções policiais, procurando colocar debates puramente culturais sob o guante da legislação anti-comunista (tática já tão demoralizada para o caso do petróleo nacional), na ABE, repito, não sequer ainda se falou desse aspecto de produção, de concorrência econômica entre os "trustes" dos quadrinhos estercofados "made in USA" e a produção local rica de conteúdo e execução brasileiras, aspecto este que implica inevitavelmente um problema de anti-imperialismo. No caso da produção intelectual, a desigual concorrência se acentua sobretudo: uma coisa é substituímos, por exemplo, as verduras das feiras e hortas pelas "V-8" e seus congêneres, pois afinal de contas vitaminas e sais minerais são um assunto cosmopolita — e outra coisa é trocarmos sistematicamente o característico e inconfundível, a nossa produção literária (a começar pela que compete às revistas juvenis) essencialmente modulada pela nota emocional de cada pátria, escravizando a nossa juventude ao mesmo dos clichês importados, com que se imprimem mais de 80 por cento das nossas atuais revistas infanto-juvenis. Isso, está visto, evitando sempre o que o grande jornalista Osório Borba, tratando do mesmo assunto,



que definiu de "estreita e estéril xenofobia", mas, notando, como ele notou, que a preferência pela colagem estrangeira é naturalmente uma injustiça contra a inteligência e o esforço brasileiros.

Se recorremos a medidas de censura, ou taxação, pensamos em obter que o fruto da preferência explicável dos nossos leitores jovens pela literatura de quadrinhos seja também saboreado pelos nossos especialistas da pena e da imagem. Juntamente com a defesa da mentalidade infantil e dos direitos da cultura numa época como a atual de pleno desenvolvimento dos meios de difusão cultural, tais são os objetivos patrióticos que orientam a atual campanha da ABE.

Essa campanha pretende focalizar no momento as atenções esclarecidas dos nossos educadores, chefes de família e órgãos de defesa cultural, a principal pela imprensa. A nossa estelam-queles que, dentro e fora da ABE, não se conformem com o abastardimento das leituras juvenis nem com o amesquinçamento de suas finalidades abastardimento orgulhas acima de interesses meramente comerciais. Promovendo a fundação de novas bibliotecas, a ampliação das existentes; disputando ao exclusivismo dos exames um horário escolar que obrigue atividade

des extra-classe, a começar por leituras sistematizadas; estimulando as tentativas de enfrentar a produção irrisória e uma literatura desnaturada, qual a que se vende em massa nos "quadrinhos", estaremos afirmando o direito do cidadão brasileiro por leituras que sejam de fato leituras, problema vasto que compreende como passo inicial a campanha em boa hora nascida na Associação Brasileira de Educação pela dignificação das nossas leituras juvenis.

De onde vem o lamento?

SOLANO TRINDADE

Estou ouvindo um lamento que não sei de onde vem. Sei que é lamento do homem. Talvez do fundo do mundo. O fundo do mundo onde é? Quem sabe pra me dizer? Este lamento é do homem. De Deus é que ele não "é...". Que cor esse homem tem? Também não sei qual a cor. Sei que é lamento do homem. Mas não sei de onde vem. Vem ó Maria Santana. Lamento do homem escutar.

DE VOCES, JOVENS ESTUDANTES

I N A

Vocês já devem saber, amigas, que os estudantes fizeram o seu Congresso. E que Congresso! E por falar em Congresso de estudantes, vou me lembrando das moças que vieram, de lugares distantes, estudar no Rio. Do Piauí. Do Ceará. E ate do Amazonas. De toda a parte. Moram em pensões caras e sem conforto. Bem, para os laços do Catete, num minúsculo quarto, onde mal cabem a cama e os livros. Pagam entre Cr\$ 100,00 e 200,00, por uma má acomodação e uma comida pior. E na, sobretudo, o desconforto moral. Longe da família, perdidas nesse mundo de cidade.

São as corajosas moças que vêm procurar, aqui, aquilo que os meios exigidos do Norte não lhes dão. Trazem na alma uma emoção estranha por esta cidade colorida e movimentada. Trazem uma mala com uns poucos vestidos. E com essa bagagem pretendem conquistar o mundo, aquele mundo de seus sonhos. É uma espécie de sonho diferente. O sonho que se faz uma realidade, penosamente, quando não há o menor incentivo, nem auxílio, por parte do governo, que é o responsável pelo bem estar e cultura dos jovens.

Elas vivem perto de nós. Nos mesmos bairros. Nos mesmos cinemas de bairro. Vivem difícil, porém, corajosamente. Mas, a coragem dessas moças é tão dividida pelas preocupações de dinheiro e solidão, que, nem sempre, é possível evitar que a tristeza lhes saia pelos olhos.

Agora, com relação ao abandono de nossa mocidade, estamos vendo o problema pelo lado sentimental. Seria o caso de, em outras condições, vê-lo pelo ângulo da assistência do Estado à juventude. Onde as Universidades?

Sempre senti um alívio, quando, através dos livros, entrei em contato com as cidades Universitárias. Deve ser maravilhoso aquele vozeiro da mocidade, numa sábia convivência folgazã, sorrindo para o mundo de amanhã, o mundo que lhe pertence.

Talvez, seja essa a visão mais frequente na cabeça da jovem, que veio de longe e enfrenta a solidão e a falta d'água, num quatinho nu da rua do Catete. Mas não desejo, apenas, falar com o sentimento de compreensão das dificuldades de vocês, minhas jovens amigas estudantes. Há coisa mais importante: é o fato de ser possível resolver a situação através de uma solução concreta. Vive-se num momento em que cada dificuldade deve ser resolvida por nós próprios. Não sózinhos, é claro. Por que não se organizam as jovens estudantes por uma vida mais confortável, mais amena, mais produtiva? O êxito nos estudos é, também, o resultado de melhores condições de vida material e moral. Seria possível um movimento, nesse sentido, dentro das próprias organizações estudantis. Vocês sabem que, na Inglaterra, há uma casa onde moram as moças estudantes ou empregadas, sem família?

Vocês que têm esse heroísmo de enfrentar as dificuldades de uma vida limada a quartos de pensão, terão, não somente o heroísmo, também a capacidade de procurar, juntas, o meio de melhorar as penosas condições de vida de vocês jovens estudantes!

PARA O SEU CONHECIMENTO

OS MAIORES LAGOS DO MUNDO

Os maiores lagos do mundo, são:

Lago Superior (Estados Unidos-Canadá)	82.800 km ²
Lago Vitória (África Equatorial)	68.500 "
Lago Aral (Turquestão)	63.270 "
Lago Huron (Estados Unidos-Canadá)	59.510 "
Lago Michigan (Estados Unidos)	58.000 "
Lago Baical (Sibéria)	34.000 "
Lago Tanganica (África Central)	31.900 "
Lago Niassa (África Meridional)	26.500 "
Lago Erie (Estad. Unidos-Canadá)	25.820 "
Lago Winnipeg (Canadá)	24.590 "
Lago Tchad (África Central)	21.000 "

Colégio Franklin Delano Roosevelt

FUNDADO EM 1928

INSPEÇÃO PERMANENTE - EDIFÍCIO APROPRIADO

Externato — Semi-Internato — Primário — Admissão

— Ginásial — Colegial — Clássico e Científico

DIURNO E NOTURNO

DIRETOR :

Prof. Milton Rivera Mango

TELEFONE : 28-6818

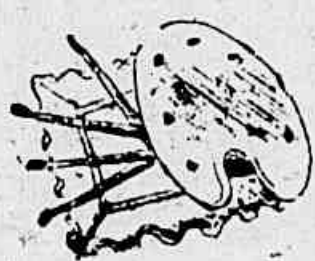
Rua Ibituruna, 43-45

Um pintor europeu

Kirszenbaum é um grande pintor europeu que nos mostra muitos de seus trabalhos. Expondo em São Paulo, na Galeria Domus, toda a crítica paulista foi unânime



no elogio de sua arte. Vítima da opressão nazista, o artista israelita conseguiu sobreviver com a sua mercante personalidade. Os desenhos que reproduzimos são de um afresco executado para a Baronesa de Rothschild. Kirszenbaum fará ainda este ano uma exposição no Rio.



ARTES PLÁSTICAS

Os artistas e a venda de quadros

SILVIA

Um dos problemas mais angustiantes para os artistas do Brasil é o retraimento das pessoas mais abastadas e que deveriam procurar adquirir obras de arte para o seu ambiente mais confortável.

Outro motivo de desânimo para os artistas credenciados na sua profissão é a tendência alarmante para a mediocridade que tanto impressiona quando se fala em "apreciadores" da arte ou "coleccionadores" de "obras primas". Os trabalhos sem valor artístico são os mais apreciados por esses senhores que não conseguem discernir as características de um trabalho artístico e sentir as qualidades de emoção ou sentimento. Para eles, uma cópia mecânica sem virtuosidade pictórica, uma representação do academismo decadente, ou, francamente deteriorado, uma fixação de falsas convenções, produzem o efeito de uma festa artística.

Assim, os pintores e escultores sofrem crises de ausência absoluta nos ambientes mais recomendados. Como seria possível ensinar a esse público tão limitado?

Educar para o gosto e o reconhecimento dos legítimos processos de arte? A interrogação é dolorosa para os militantes da arte nos tempos que atravessamos.

Procurando socorrer os artistas e ensinar aos compradores, aparece agora um negociante de quadros de novo tipo. Quero me referir ao sr. Calvino Filho, que nessa qualidade está instituindo um comércio original com finalidades educativas. Assim, se propõe manter viva a personalidade do artista, promovendo uma espécie de preparação psicológica que certamente irá abrir os olhos dos possíveis admiradores da arte. Tratará de divulgar o valor do artista, dando-lhe relevo — disporá de meios persuasórios para a merecida estimulação de um trabalho plástico. O sr. Calvino quer ser o amigo e batalhador dos artistas quando se poderia supor que fosse apenas um vendedor de quadros.

Queríamos dar uma nota dessa nova oportunidade que está surgindo para os artistas plásticos e assim esperamos que a Primeira Exposição que hoje se inaugura no Instituto dos Arquitetos do Brasil corresponda ao grande entusiasmo que os pintores, principalmente, manifestam em movimentos dessa natureza.

Que a sala do Edifício Odeon (sobre a Livraria Vitor) seja visi-

tada por um público diferente e constituído pelo limitado número dos que podem comprar quadros.

Portinari, Quirino e Hilda Carrapio, Pincelli, Tenreiro, Djanira, Sigand, Darwin, Da Costa e muitos outros, com as mais variadas orientações, estão reunidos num ambiente simpático e acolhedor.

É uma mostra de arte que deve ser visitada por todos.



Pola Rezerde, depois de realizar uma grande Exposição de Escultura e Pintura na Galeria Prestes Maia, em São Paulo acaba de viajar para os Estados Unidos em companhia de Nelson Otoni de ezeide. Colaboradora de MOMENTO FEMININO a artista de São Paulo é uma batalhadora a favor dos artistas e da arte moderna no Brasil. Viajando para o estrangeiro sua falta se fará sentir em nossos meios artísticos.

Conversando com os escritores

II

PORQUE VOCÊ ESCRIBE?

Quando menina eu cantava e ria. Era uma forma de expressão de vida ainda pura e simples. Hoje o meu cantar e o meu riso se transformaram em uma maneira mais profunda de expressão. Escrevo porque não posso cantar nem rir.

QUAL DOS SEUS LIVROS O QUE MAIS LHE AGRADA?

Sinceramente nenhuma. Tudo o que escrevi até agora é uma vaga idéia do que desejo escrever.

COMO VOCÊ ESCRIBE?

Na mais absoluta desordem. Sentada no chão, algumas vezes na rua, tomo nota num papel de qualquer coisa que me sensibilizou e emocionou, ouvindo rádio, ouvindo perguntas das minhas empregadas, atendendo o telefone e geralmente à noite, durante as minhas intermináveis insônias. Não tenho hora nem momento especial para escrever.

QUAL DOS SEUS PERSONAGENS O PREFERIDO?

A morte.

O QUE PROCURA EXPRESSAR COM A SUA LITERATURA?

Que fora do amor e da morte nada mais tem valor.

PIENSA QUE A SUA LITERATURA TEM ALGUMA INFLUÊNCIA?

Devia ter. Em geral ninguém gosta de poesia. Se tivesse influência a poesia modificaria o mundo e as estruturas muito mais que todas as O.N.U. que os homens organizam.

QUAL O TIPO DE LEITOR QUE VOCÊ TEM?

Entre os meus leitores tenho observado um grande número de estudantes e numa proporção extraordinária de prisioneiros. Recibo quase diariamente várias cartas de jovens de todos os pontos do país. Em geral estudantes de curso superior e são eles os que mais compreendem e sentem o que escrevo. E um dos meus mais fortes motivos de orgulho. Com as prisões de São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul, Bahia e aqui no Rio mantenho uma correspondência que compensa todas as coisas inúteis que pratico. Para esses reservo um carinho muito especial.



Adalgisa Nery é um dos nomes mais altos da poesia brasileira. De personalidade marcante, Adalgisa trouxe para sua arte o seu feminino, sem peias nem rebucos. Adalgisa é, incontestavelmente, a mais feminina das poetisas brasileiras. E consegue ser também uma encantadora amiga, gentil e sempre acolhedora.

Vamos ouvir Adalgisa Nery

PENSAMENTO NA NOITE

Desabaram na minha face
Os ventos imemoriais.
Levando em turbilhão as imagens do passado.
Desceu na minha alma o pavor.
Que dança nas estradas escuras e assombradas.
Sobre o meu desalentado coração.
Baixou o isolamento dos cemitérios abandonados.
O meu olhar vago e incolor.
Procura perceber de onde vem os lamentos surdos.
Que trazem o meu corpo na dor impossível de ser com a.
Uma profunda sensação de consolo.
Na palavra que não chegou.
Mas que sempre foi esperada.
A minha cabeça solta do meu corpo risca o firmamento.
Já estou sentindo o perfume das angústias.
Sobre a minha forma sem vida.
É das minhas pálpebras tristes rolando.
Uma lágrima carinhosa e comovida.

ADALGISA NERY

Uma anedota da Resistência

Esta história, ao que nos afirma o Sr. Paul Simon, autor de "Um único inimigo: o invasor", livro escrito ainda durante a ocupação da França pelos hitleristas, é autêntica e se passou em Paris.

Vendia-se, naquela ocasião, por toda parte, o retrato do Marechal Pétain, que as lojas comerciais se viam obrigadas a comprar e a exibir nas paredes e nas vitrinas.

Numa loja de molduras, entrou um cliente, parecendo muito apressado, que mostrou desejo de comprar uma dessas fotografias. Só restava uma, a grande, exposta na vitrina.

— A senhora faça o favor de separá-la para mim, que hoje a tarde voltarei para buscá-la — pediu a freguesa à caixeira.

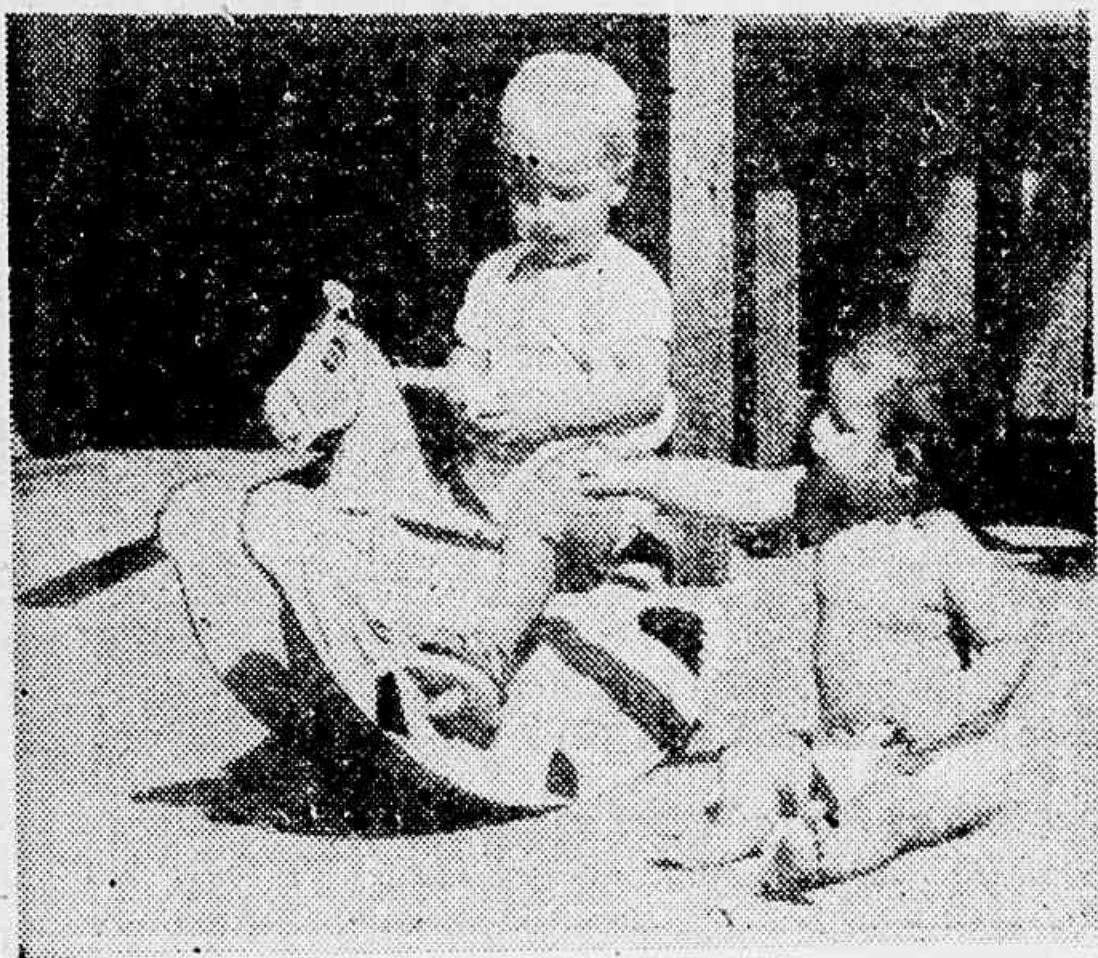
A caixeira preparou o cartão que se usa em casos como esse, escrito "VENDIDO", enfiou-o na moldura do retrato do Marechal Pétain e continuou em suas ocupações.

O povo começou a parar diante da vitrina, e ria gostosamente ven-

do o cartão que tão bem comunicava a opinião de cada um sobre Pétain: "VENDIDO". A tropa de ocupação custou um pouco, mas acabou comprando o cartão. Entrou na loja, anunciou o gerente, fez-lhe pagar multa elevada e ordenou-lhe que substituísse imediatamente o cartão. O gerente chamou a caixeira, repreendeu-a com a máxima severidade e repetiu-lhe a ordem dos clientes. E a caixeira, em lágrimas, com sua ingenuidade, substituiu o cartão por outro talvez mais expressivo ainda: "ESGOTADO".

E o público continuava a rir diante da vitrina, sem que, dessa vez, os alemães suscitassem razão. É que o antigo herói francês, colaboracionista e traidor de sua pátria e de seu povo merecia tanto os dizeres do primeiro cartão quanto do segundo. Esgotara-se completamente e escava então reduzido a uma enxada completamente esgotada, a um boneco sem movimento próprio, acatado pelos cordeis presos na mão do invasor odiado.

nosso garoto



ALCIR e MARILUCE, amigos nossos, são crianças alegres e sadias

Para os grandes do ginázio

ALGUMAS CURIOSIDADES DE NOSSO IDIOMA

Vocês sabem, meus amiguinhos, que algumas palavras, hoje usadas no masculino eram de gênero duvidoso nos séculos dos quinhentos e dos seiscentos e muitas vezes, mesmo, então apenas usadas no feminino? Vamos dar alguns exemplos.

FANTASMA — Hoje, ninguém dirá: uma fantasma; era assim, entretanto, que a empregava, sempre, em suas decadas, João de Barros; foi assim que a empregou Vieira: "revestiu-se a noite de uma fantasma medonha"; foi assim que a empregou Castilho, nas Metamorfoses: "fantasmas várias". E como esses, muitos outros clássicos.

MAPA — Foi do gênero feminino até o século XVI, vindo a ser usado como do gênero masculino desse século em diante.

FIM — Já aparece como palavra masculina nos Lusíadas, mas outros autores quinhentistas empregavam-na ainda como do gênero feminino, como nessa frase de Barros: "Da fim de agosto ate fim de outubro".

PLANETA — Aparece várias vezes, como palavra do gênero feminino, no "Ideal Conselheiro". E ainda no século XVI, Gil Vicente dirá: "sua planeta he a lua" — "Ou que planeta he aquela".

E sabem que João de Barros, assim como Fernão d'Oliveira usava os adjetivos pátrios terminados em *ês* na forma invariável? Diziam eles: A nação *português* — Da gente *português* — A língua *português* — A terra *genêres*, etc., etc.

Três jovens heróis brasileiros

Vou falar a vocês, meus amiguinhos, com toda a ternura e o reconhecimento de meu coração de brasileira e de democrata, em três jovens heróis patrióticos que não são ainda tão conhecidos como deveriam. Trata-se de um sargento e de dois oficiais da FEB que, com tantos outros brasileiros, deram sua vida para livrar a humanidade de seu mais nefasto inimigo: o Fascismo. Eles simbolizam o valor, a coragem, a nobreza, o amor pela liberdade e pela justiça de que deram prova todos os "pracinhas" anônimos, tombados no campo de batalha e cujos despojos estão no cemitério de Pistoia ou misturados à boa terra europeia.

Esses três heróis deram a vida pela conquista de MONTESÉ, uma das mais gloriosas vitórias da FEB. O primeiro morreu ao preparar a vitória, o segundo ao assegurá-la, o terceiro, após a vitória, ao socorrer seus companheiros feridos. O primeiro foi o bravo sargento Max Wolff, tombado ao realizar um reconhecimento que deveria preceder ao ataque. Estava abrindo o caminho para seus companheiros, para a passagem gloriosa de nossa bandeira. O segundo foi o tenente Ary Rauen, ferido mortalmente em plena arrancada. Caído sob o denso fogo da fuzilaria, teve ainda forças para, moribundo, apontar a seu pelotão o objetivo a ser alcançado. O terceiro foi o tenente dentista Ruy Lopes Ribeiro, cujo lugar era na retaguarda, e que se apresentou voluntariamente para conduzir uma turma de padioleiros a fim de socorrer os seus patrióticos caídos em lugares perigosos. E morreu vitimado por uma traiçoeira mina quando se dedicava a essa misericordiosa missão de solidariedade e sacrifício.

Meninos brasileiros, vocês não deverão esquecer esses três nomes de heróis de Montesé. Vocês devem repeti-los sempre, com carinho e gratidão: Sargento Max Wolff, Tenente Ary Rauen e Tenente-dentista Ruy Lopes Ribeiro.

Foram homens como esses que conquistaram MONTESÉ. Foram homens como esses que mereceram que o General Crittendenberger, comandante do IV C. E. (ao qual pertencíamos) dissesse em sua Ordem do Dia de 15 de abril: "Na jornada de ontem, só os brasileiros mereceram as minhas irrestritas congratulações; com o brilho de seu feito e seu espírito ofensivo a Div. brasileira está em condições de ensinar às outras como se conquista uma cidade".

Sobre Literatura Infantil

MOMENTO FEMININO patrocinará um debate público, no auditório da ABI, gentilmente cedido pelo seu presidente, sobre a "Boa Literatura Infantil", tema que vem sendo altamente debatido entre técnicos educacionais, através órgãos de nossa imprensa.

Participarão do debate, não só representantes dos jornais que vêm se preocupando com esse problema, como especialistas de literatura infantil, que gentilmente aceitaram nosso convite.

Trata-se de um tema palpitante e de interesse geral, e estamos certos de que nossa iniciativa será acatada pelo público carioca, cioso de elevada argumentação sobre o preparo intelectual da infância brasileira.

Convites em nossa redação, à avenida Rio Branco, 257, 7.º, sala 715, das 9 às 17 horas, diariamente.

AUDITORIO DA ABI — DIA 19, DAS 17 ÀS 20 HORAS.



Sheila Martins tem sete meses de idade e é filha de Mirles Granzeiro Martins da Parada de Lucas.



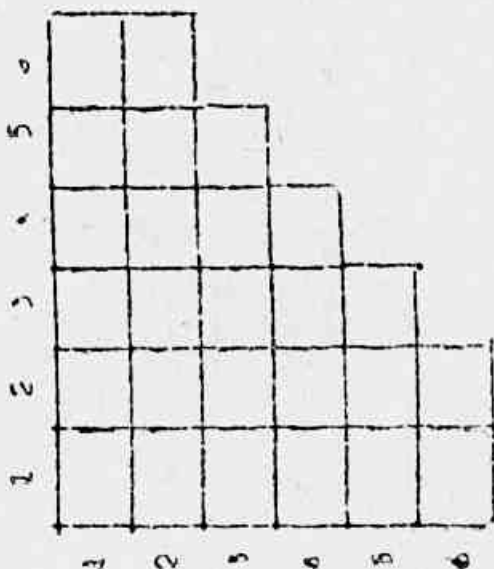
Wladimir Barbosa da Costa, com um ano e dois meses, filho de uma amiga de MOMENTO FEMININO, em Pernambuco



Esta garota, Maria Consuelo Lima, filha do sr. José Lucio das Chagas e dona Maria do Carmo Lucio Oliveira, fez anos no dia 2 de janeiro ultimo. "Momento Feminino" abraça a bonita menina, que é nossa estimada amiguinha

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 2



HORIZONTAIS — 1) campo de determinado cereal — 2) pedra de amolar — 3) gênero de coleóptero do Brasil — 4) reside — 5) o patrão — 6) nome de família.

VERTICAIS — 1) intrigas — 2) faz o gesto de reaver — 3) antigo habitante de Portugal e Espanha — 4) parte da blusa ou da camisa — 5) fileira — 6) nome de um pão.

Aqui está o resultado certo do problema n.º 2, que publicamos no número passado. Quem acertou? Enviaram respostas certas os seguintes leitores:

Paulo de Assis — 11 anos.

Joaninha — 10 anos.

Heitor Ferreira — 12 anos.

Esses leitorzinhos já fazem parte da galeria dos vencedores. Vamos ver se eles continuam. E agora confira:

Solução

HORIZONTAIS: Desejo. Imola. Pina. V. Sto. Ma. De. Cal. O. Erre.

VERTICAIS: Ditado. Emite. Sono. E. Ela. Cr. Ja. Mor. O. Vale.

Charadas novíssimas

Ele disse aqui uma mentira, por que é um diabrete — 1 - 2.

É uma nota musical, mas enojo, porque estou com fome — 1 - 2.

PARA OS MAIS VELHINHOS

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS

ABEL (Henrique) — Célebre navegante, que fez grande e fecunda descobertas de cálculo integral. Morreu aos 27 anos, pobre e desconhecido (1802-1829).

ABELARDO — Filósofo e teólogo. Esse nome figura em nossa galeria, porque nossos garotos ouvirão, mais tarde, citá-lo muitas vezes junto ao de Heloisa. Fala-se em "Abelardo e Heloisa", como em "Paulo e Virginia", "Romeu e Julieta", etc.

ADAM DE LA HALLE — apelidado o "Cocuruda de Arras", trovador do século XVIII. Também citamos seu nome pela curiosidade de ter sido ele o autor da mais antiga ópera-cômica que se conhece: "O Jogo de Robin e Marion".

ADAMASTOR — O GIGANTE DAS TORMENTAS — Personagem de um dos mais belos trechos do grande poema épico "Os Lusíadas", de Luiz de Camões. Nesse poema, Adamastor, guardião das Tormentas (chamado, mais tarde, cabo da Boa Esperança), ergue-se perante Vasco da Gama, para interceptar-lhe o caminho. (Vocês sabem o que quer dizer "interceptar-lhe"? Quer dizer: por obstáculos, interromper, impedir o caminho.)

ADAMS (Samuel) — apelidado o "Catão da América", um dos autores da revolução dos Est. Unidos (1722-2803). — John (1739-1826) segundo presidente dos Estados Unidos, eleito em 1797. — John Quincy (1767-1834), filho de John acima citado. Foi o sexto presidente dos Estados Unidos.

ADANSON (Michael) — Botânico francês, que foi o primeiro a expor a classificação natural das plantas.

ADONIS — Figura mitológica. Símbolo da beleza masculina. Alguns consideram-no tipo de beleza um tanto efeminada.

ADRIANO — Imperador romano, filho adotivo de Trajano, a quem sucedeu. Estimulou as artes e o meio de fortificações, que mandou construir na Germânia e na Inglaterra, defendeu Roma contra os bárbaros.

AECIO — General romano (fim do século IV). Contribuiu para a derrota de Átila, nos campos Catalúnicos. Foi assassinado por Valentiniano III.

AFRICANA (A) — Ópera célebre, letra de Scribe, música de Meyerbeer.

AGAMEMNON — Herói lendário, chefe dos heróis gregos que sitiaram Tróia.

INDIA BIRMANIA E MALÁSIA

A SITUAÇÃO DA MULHER E DA CRIANÇA NO SUDOESTE DA ÁSIA — INFORMA A FEDERAÇÃO DEMOCRÁTICA INTERNACIONAL DE MULHERES NA 5ª REUNIÃO DO COMITÊ EXECUTIVO REALIZADO EM ROMA

Uma comissão da FIDM, visitou três países asiáticos: Índia, Birmânia e Malásia. Compunha a delegação uma representante dos seguintes países: França, Rússia, Estados Unidos, Inglaterra e China.

A SITUAÇÃO DOS MOVIMENTOS FEMININOS

Declara a delegação em seu relatório, entre outras coisas importantes, o seguinte:

"Na Índia existem organizações femininas democráticas, nascidas da luta contra a fome, e da luta contra os japoneses. Tal é o caso da 'Mahila Atma Rashta Smitti', de Bengala, que agrupa 20 mil mulheres camponesas em maioria. Também é o caso de 'Mahila Sangon' em Madrás, com 25 mil camponesas e mulheres da classe média empobrecida. Tem 250 seções e possui seu jornal.

Na cidade há numerosos 'clubes' de bairro dirigidos por funcionários e intelectuais progressistas, dos quais tomam parte mulheres da média e pequena burguesia

que exercem uma atividade social.

Há também disseminadas por toda a parte e surgidas de acordo com as necessidades, muitas organizações pequenas e de diversos tipos, cujas atividades aumentam e diminuem ocasionalmente.

A 'All India Womens Conference' conta com 42 mil associados, mas, apesar de ter um programa democrático e ter participado da luta de libertação nacional ao lado de todas as classes sociais, não o aplica, ficando por isso no terreno das promessas, originando um grande descontentamento entre todas as mulheres que antes concentravam suas atividades no desenvolvimento dessa organização feminina.

Não há palavras para descrever a miséria e a tristeza na Índia. Os salários são tão baixos que geralmente não dão para alimentar a fome das famílias. Vê-se diariamente o clamoroso quadro de mulheres preocupadas em conseguir um punhado de arroz para a subsistência dos filhos. Só na Índia 200 milhões de mulheres mendigam assim. Numerosas mulheres trabalham na alvenaria, conduzindo pesados canastos de ladrilhos e que substituem as ferramentas modernas.

Nas minas se extenuam 50 mil mulheres. Em Asam as plantadoras

de chá são esquecidas do mundo — 300 mil mulheres e 100 mil crianças são ali exploradas. As crianças trabalham desde 6 anos de idade. As mulheres trabalham com seus filhinhos pendurados às costas e quando são mais crescidos, recebem também sua ferramenta e a exploração começa. As mulheres ganham 8 'annas' por dia e as crianças 3. Uma mulher com 10 filhos, trabalhando assim, não pode comer mais que uma vez por dia.

O arroz, base única da alimentação, custa 16 'annas' o pud (1 pud — 16 quilos), e as tendas, de exploração norte-americana, inglesa e australiana, custam preços inacessíveis para as famílias pobres.

Em Cauculá morrem 300 pessoas semanalmente de inanção. Há uma lei que proíbe o trabalho das crianças menores de 6 a 12 anos mas a miséria é tão grande que 25 por cento de meninos de 6 a 12 anos trabalham nas fábricas de cigarros. Uma criança que trabalha o dia inteiro, ganha o preço correspondente a duas caixas de cigarro.

Na Malásia o trabalho do campo é pesadíssimo. As mulheres ganham 1 a 2 dólares malaios e as crianças 70 centavos do dólar malaio, transportando pesados baldes



"Vi mulheres trabalhando no calçamento de ruas, transportando em cestos pesados pedras e terra. Seus filhos não comem todos os dias".

de latex ao ombro, pendurados nas extremidades de um pau. O SISTEMA EDUCACIONAL NESSES PAÍSES

Na Índia, 85 por cento da população é analfabeta e entre as mulheres a proporção é de 98 por cento. Na Malásia, as escolas do governo até recebem 5 por cento de crianças em idade escolar. As escolas são caras. As crianças pagam os livros e às vezes o próprio ensino. Geralmente os locais são primários. Em Bombaim muitos prédios são úmidos e escuros como covas. No magistério 30 por cento é de mulheres mas o esforço do governo para o seu aproveitamento é muito fraco. Na Malásia, a iniciativa privada procura suprir a carência das autoridades inglesas. Mas as escolas, apesar disso, são caras. Os salários dos professores de 100 dólares malaios mas têm que se levar em conta a discriminação racial.

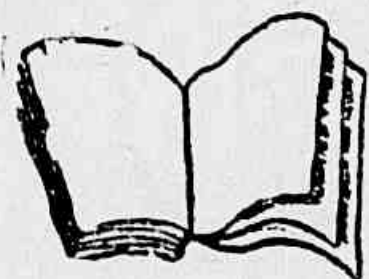
Se de um lado há toda essa miséria nesses três países asiáticos, vê-se do outro lado, que as riquezas naturais são imensas. Na produção do algodão a Índia ocupa o 2º lugar no mundo e a de juta representa 95 por cento da produ-

ção mundial. Os produtos oleaginosos e a cana de açúcar ocupam o primeiro lugar, e o trigo, o quarto. Este país é o segundo produtor de arroz.

Birmânia, onde a cidade de Rangun é a primeira do mundo em mortalidade por tuberculose, é o maior exportador de arroz do mundo. Mas o colonialismo monopolizou a vida econômica desses países e com a preocupação de não criar uma concorrência aos seus outros artigos, só desenvolveu a produção daquilo que lhe interessava. As principais riquezas estavam e continuam nas mãos dos capitalistas estrangeiros, essencialmente as fábricas em mãos dos ingleses.

As mulheres, que em tão elevado número participam da vida econômica desses países e sofrem mais do que nenhuma outra mulher do mundo, sentem que têm o direito de se preocupar com a utilização das riquezas que elas produzem.

As mulheres desses países desejam sentir o apoio e a fraternidade das mulheres democráticas do mundo inteiro, que também estão dispostas à luta comum pela liberdade e pelo progresso de suas pátrias.



Literatura

REVISTA MENSAL

Diretor:

ASTROJILDO PEREIRA

Publica estudos, ensaios, poemas, contos, críticas de livros, crônicas da vida literária, documentos de interesse cultural, etc., etc..

Assinatura por 12 meses: Cr\$ 50,00

Prego do número avulso: Cr\$ 5,00

Redação e Administração:

ALCINDO GUANABARA,

7 - 7º andar — Sala 702

RIO DE JANEIRO

Consultório sentimental

INDECISA — "Uma mulher deve demonstrar a um homem que gosta dele?"

E por que não? Sua pergunta reflete bem os defeitos de nossa educação, com referência ao amor. Sempre, a separação entre a maneira de ser do homem e da mulher. Ambos sentem. Ambos têm o direito de dizer aquilo que sentem. Pela sua consulta, você parte do princípio de que, geralmente, o homem aproveita os sentimentos da mulher, para agir como o vencedor sobre o vencido. Mas a mulher por sentir um grande amor não perde a sua personalidade. Então, deve dizer francamente que ama, mas não consente que esse amor seja objeto de exploração, em qualquer sentido. Existe uma exigência fundamental no amor: é a grandeza. Nada daqueles velhos tempos em que as moças, recalando



todas as belas coisas que o amor faz florescer dentro de nós, ficavam à distância, como deusas inatingíveis. Hoje, o amor pode e deve ser construído nas bases da realidade da vida e dos sentimentos. Isso de esconder os sentimentos, por manobra, é uma tática, que além de não ser honesta, é perigosa. O resultado pode ser contrário. Nada de querer sufocar as maravilhas do sentimento. E o amor é maravilhoso.

HILDA — "Acho que amo os dois".

Apesar das controvérsias a respeito desta tese — de ser ou não possível amar a duas criaturas, ao mesmo tempo — eu tenho uma opinião pessoal: só é possível amar a uma pessoa. Geralmente, quando não somos capazes de separar os sentimentos, é porque eles não existem. Não devemos criar um mundo especial, onde só caiba a pessoa amada. Podemos cultivar amizades. Mas, entre confundir o amor com outra qualquer sensação de bem-estar, sai grande diferença e pouca capacidade de análise. Pela sua consulta, vejo que você está numa situação difícil. Escolher é quase impossível, quando não sabemos bem aquilo que desejamos. Desejo ajudá-la de uma maneira prática. Separe os dois. Deixe um na 'reserva', como se diz na glória. Passe a sair, exclusivamente, com um. E durante a experiência analise bem o que você sente. Saudades do outro? É uma saída para a situação. Quem sabe se o AMOR, o amor de verdade virá de um terceiro? Faça um esforço e comece a conhecer-se a si própria. Um pouco de luta interior reforça outras espécies de lutas, que surgem de todos os lados da vida.

FADA AMOROSA

Escrevam ao "Consultório Sentimental" de MOMENTO FEMININO fazendo sua consulta.



UMA SEÇÃO SURGIRA

NORMA LILLIAN

Prezadas leitoras de MOMENTO FEMININO

Fui incumbida pelo nosso jornal de tomar sob minha responsabilidade a futura seção intitulada "Menina e Moça".

Aceitei de bom agrado, pois fui de livre e espontânea vontade oferecer minha pequena colaboração ao nosso "grande jornal", desejando levar aos corações das minhas coleguinhas tudo o que for de bom e instrutivo. Darei a vocês todos os momentos felizes e educativos que me forem possíveis contribuindo para a sua alegria, mocinha brasileira.

Manterei com vocês correspondência sobre todos os assuntos que tratar em minha seção, participarei de seus momentos felizes e problemáticos, pois sou jovem como vocês, estudante, e gosto também de tudo que vocês gostam. Assim, em nosso próximo número, a seção "Menina e Moça" ocupará uma das colunas de MOMENTO FEMININO.

O marido de uma mulher que trabalha

FIGUEIREDO

É indiscutivelmente, um homem muito mais feliz, do que aquele que se casou com uma parasita. Primeiro, porque sua mulher conhece também a luta pela vida, e se torna compreensiva. Sabe que o trabalho causa, e não o alivia, com problemas mesquinhos. Compreende os seus fracassos e acompanha com o coração as vitórias, sem fazer os cálculos do aumento que lhe dará mais vestidos e mais jóias.

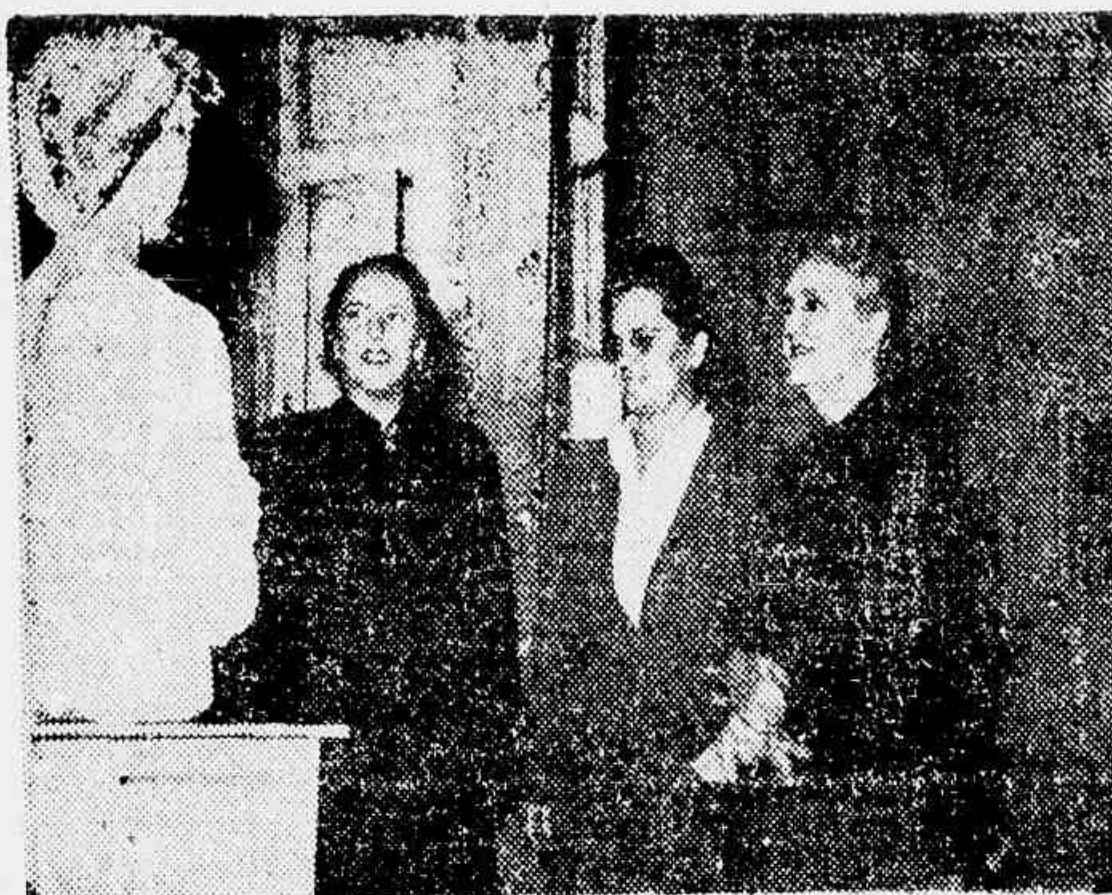
Segundo, porque, não precisa se emburruar e trabalhar sem descanso, nem dar desfalques ou explorar terceiros, porque a mulher também, ganha para os gastos da casa e da família.

Terceiro, porque não receia pelo futuro dos filhos, pois ao lado dele está uma mulher que sabe lutar pela vida e que será capaz, sozinha, de guiar esses filhos e ajudá-los a escolher os seus destinos.

Quarto, porque não vive sozinho, sentado no trono dos "chefes" das famílias, mas sente perto de si uma companheira de corpo e de espírito, que tem idéias e sensibilidade, que pode ajudá-lo a conseguir um ideal e que tem, também, ideais a conseguir.

Embora, muitos homens, alguns de boa fé, outros enfeitados de superioridade e de força, prefiram as mulheres que nada fazem e que nada sabem, a mulher que trabalha é, sem dúvida, muito mais útil ao seu marido, ao seu lar e aos seus filhos, que qualquer uma outra, seja qual for a espécie de trabalho que executa.

MULHERES ITALIANAS PELA PAZ



4 Maria Magdalena Rossi, deputada pela Frente Democrática Popular e presidente da «Unione Donne Italiane» em companhia da conselheira comunal Barcellona de Milano.

AS MULHERES DE ITALIA UNIRAM-SE EM ROMA NUMA DAS MAIS ELOQUENTES MANIFESTAÇÕES PELA PAZ. SÃO DA MENSAGEM QUE ELAS MANDARAM AS MULHERES DE TODO MUNDO, ESTES TEXTOS:

«APESAR DOS DUROS SACRIFÍCIOS SOFRIDOS PELOS POVOS DURANTE A ÚLTIMA GUERRA MUNDIAL, OS IMPERIALISTAS CONTINUAM, SECRETA OU ABERTAMENTE OS PREPARATIVOS PARA NOVA GUERRA.

IRMÃS, NÃO ACREDITEIS NAS MENTIRAS DOS REACIONÁRIOS. TODAS ESSAS CAMPANHAS E CALÚNIAS NÃO PODEM ESCONDER OS INTUÍTO DOS FAZEDORES DE GUERRA E DE MISÉRIA E TAMBÉM NÃO ESCONDEM QUE OS POVOS QUE TANTO SOFRERAM NÃO QUEREM MAIS SER ESCRAVIZADOS, NEM MANDADOS PARA AS CARNIFICINAS.

MULHERES! IRMÃS! REFORÇAI A LUTA PELA PAZ! FAÇAMOS COM QUE OS CRIADORES DA GUERRA PAREM NO CAMINHO SINISTRO.

NÓS VOS CONVIDAMOS A LUTAR PELA APLICAÇÃO DAS DECISÕES DA O. N. U. SOB A EXCLUSÃO DE ARMAMENTOS NACIONAIS DA ARMA ATÔMICA E DE TODOS OS OUTROS TIPOS DE ARMAS PRÓPRIOS A LIQUIDAÇÃO DE POVOS.

MULHERES! NÓS SOMOS NUMEROSAS! SOMOS A METADE DA HUMANIDADE E SE INTERVIERMOS CONJUNTAMENTE CONTRA OS INIMIGOS DA PAZ, VENCEREMOS.

UNAMO-NOS NA LUTA PELA PAZ, PELA AMIZADE ENTRE OS POVOS, CONTRA OS INSTIGADORES DE NOVA GUERRA.



3 A deputada Nadia Spano da Frente Democrática Popular em companhia de sua filhinha.



10 Teresa Noce, deputada comunista presidente da F.I.O.T.



1 ROMA, 14 de março de 1948: com mil mulheres concentram-se para exprimir seu desejo de paz. A foto reproduz um aspecto da grandiosa manifestação.



11 Adele Bei, senadora, presidente da Associação das Mulheres.



7 Gina Palumbo, senadora da F. D. P. ROMA — 1948 — Milhares e milhares de mulheres subscreveram o manifesto pela paz no mundo.



1 Coroa de flores são colocadas no túmulo do soldado desconhecido, com a inscrição em flores: Paz!



5 Dra. Ada Alessandri, membro do Comité Executivo da Frente Democrática Popular e do Movimento Católico pela Paz.

6 Os deputados da Frente Democrática Popular: Onorrevoli, Floerani Gisella, Rovera Camilla e Fanoli Gina, diante do palácio de Montecitorio.



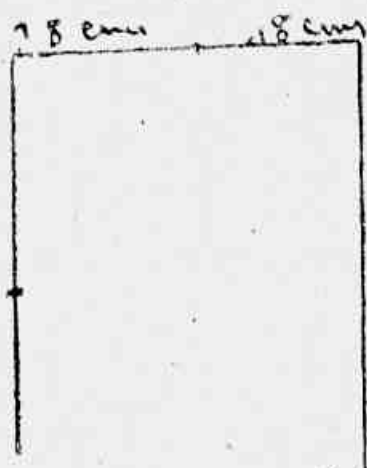
Transforme Corte e Costura

LIÇÃO VI

seu vestido

Acredite, é facilimo transformar o seu vestido do ano passado, fazendo-o passar por acabadinho de fazer, com uma simples gola. E, seja qual for o feitiço do decote dêse velho fato, poderá sempre aplicar-lhe o cabeção de que hoje damos o modelo, como verificara. Mas tornar-se-lhe-á mesmo possível, se quiser, executar com estes mesmos moldes três modelos completamente diversos que, falhados em tecidos diferentes, piqué, escocês de seda ou "faillie" de côr, lhe permitirão que varie de "toilette" sem mudar, afinal, de vestido.

Como vê, o esquema do cabeção é só um, mas este pode ser pôsto com uma faixa da mesma côr, atada à frente, como vemos na figu-

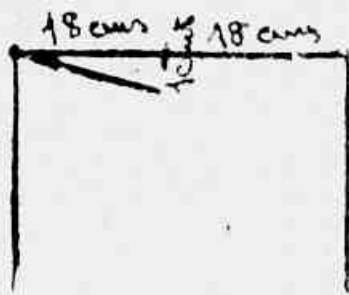


Para o corte das costas da saia de quarto panos, risque-se o mesmo quadro da lição V. Apenas não tiremos os 4 cms. para cavar a cintura na frente. A parte das costas tem a forma diferente em cima.

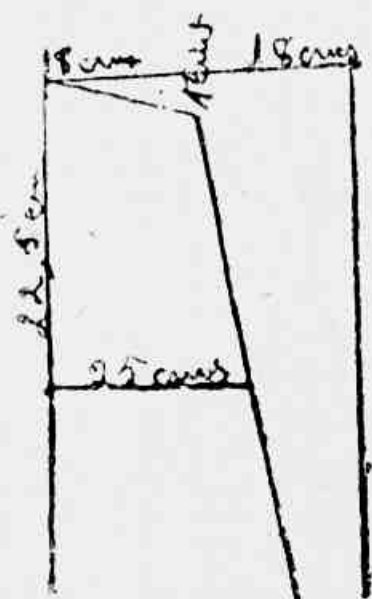
Na parte de cima tire um cm. de

ponto que marca 18.

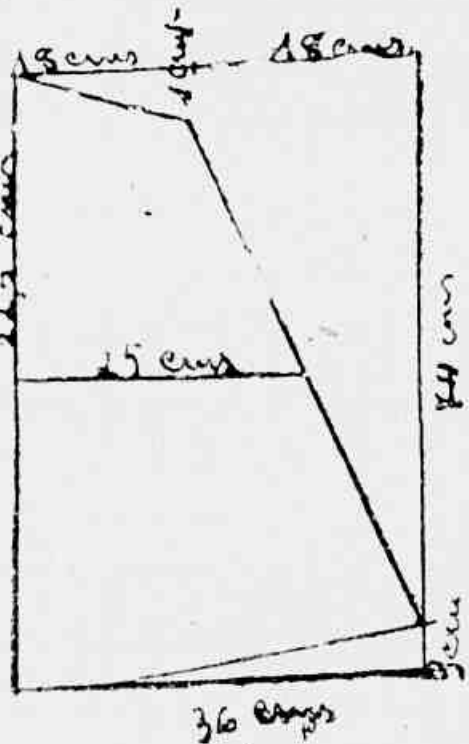
No lado esquerdo, em vez de marcarmos só 18,5, temos que somar os 4 cms. que tiramos na frente (guie-se pelo quadro da lição V). Portanto, temos que marcar 22,5 cms.



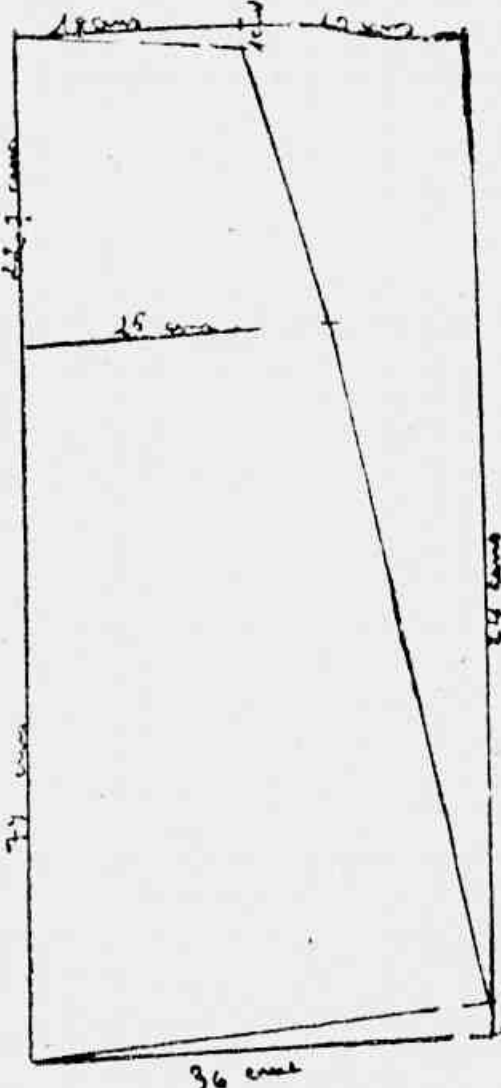
O resto é igual a parte da frente. No ponto que marcou, um quarto do comprimento mais os 4 cms. que tira-



mos na frente, tire uma linha de 25 cms. que corresponde a um quarto da medida das cadeiras.



Em baixo só temos que tirar os 3 cms. de maneira que é fácil. Veja o molde das costas pronto.



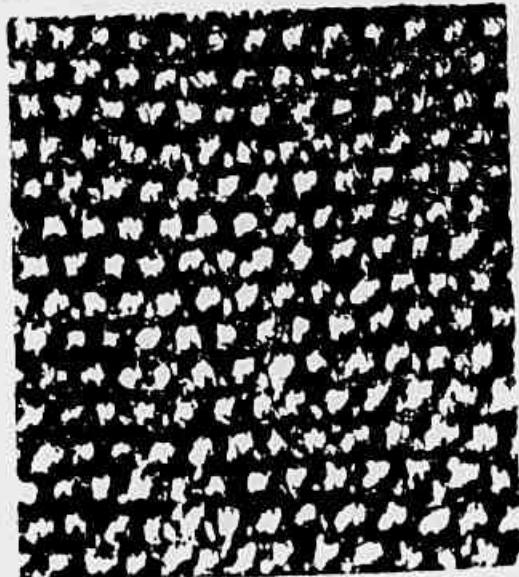
**LUIZ VERNECK
DE CASTRO**
ADVOCADO

Rua do Carmo, 49 - 2.º -
Sala 2. - Diariamente, de
12 às 13 e 16 às 18 horas.
Exceto aos sábados
- Fone: 23-1064 -

PONTOS



TRICOT



de meia, 2 pontos lisos, até o fim.

2.ª e 4.ª carreiras — tricotar as malhas como se apresentam.

5.ª carreira — 1 ponto de meia, 1 ponto liso, 4 de meia, 2 lisos, 4 de meia, 1 liso, 1 de meia, 2 lisos.

No avesso tricotar sempre como as malhas se apresentam.

7.ª carreira — 2 de meia, 1 liso, 3 de meia, 2 lisos, 3 de meia, 1 liso, 2 de meia.

9.ª carreira — 3 de meia, 1 liso, 2 de meia, 2 lisos, 2 de meia, 1 liso, 3 de meia.

11.ª carreira — 4 de meia, 1 liso, 1 de meia, 2 lisos, 1 de meia, 1 liso, 4 de meia.

13.ª carreira — Recomeçar pela primeira carreira. Com esses pontos já é possível fazer belos agasalhos para o inverno. Utilizando as nossas receitas anteriores é possível confeccionar novas blusas com pontos diferentes.

NOTA — Ponto liso, ou avesso. Ponto de meia ou direito.



Ponto de arroz

Para casaquinhos mais pesados e para o frio mais rigoroso. É um ponto muito fácil e agradável como desenho. Vejamos:

1.ª carreira — 1 ponto de meia, 1 ponto liso, 1 de meia, 1 liso, até o fim da agulha.

2.ª carreira — Intercalar os pontos. Assim, se a carreira anterior terminar em ponto de meia, recomece com 1 ponto de meia e vice-versa.

Continuar até o fim, como na outra carreira.

E assim sucessivamente.

O "ponto de arroz" é muito usado para os acabamentos, principalmente nas roupas do bebê.

Ponto outonal

Montar um número de malhas divisível por 8.

Receita:
1.ª e 3.ª carreiras — 6 pontos

A PROPOSITO DA ESTERILIDADE

DRA. ELINE MOCHEL MATTOS

É muito comum at-ibuir-se a esterilidade sómente às mulheres, e sem que se aprofunde mais e mais as observações clínicas ao lado masculino, submete-se, muitas vèzes, as mulheres, a longos e penosos tratamentos, todos em vão, criando ilusões na própria vítima, que tudo faz para ter a felicidade de ver um dia nascer o seu filhinho.

Muitos maridos poderiam evitar esses aborrecimentos às suas senhoras. Evidentemente, eles bem sabem porque são estérteis suas companheiras. Pois em dois terços dos casos os maridos são a causa direta e indireta desse processo. A mulher, cabe apenas um terço de culpa (?). Diretamente, o marido é causa quando não possui o germen fecundante ou o possui de forma degenerada; isto graças a infecções venéreas contraiadas em contatos suspeitos. Indiretamente, ele ainda é causa quando portador de uma infecção venérea (principalmente gonocócica) transmite à sua esposa, provocando nela inflamações tubárias, quase sempre terminando por fechamento completo das trompas, esterilizando-a, portanto, na maioria dos casos.

Mas, as mulheres são emp- as vítimas das incompreensões, ignorância, e maldades. Por isso, na vida cotidiana o que vemos é serem elas acusadas de infecundas, estérteis, incapazes, isto dito de forma às vezes grosseira, deprimente e canalha, por elementos de sua própria família, alguns maridos mesmos cujas consciências pesam muito. Ha verdadeiros dramas conjugais por causa da covardia de certos maridos que procuram escon-der seu passado l-viano.

Nos casos de obstrução das trompas é muito difícil obter qualquer resultado positivo, de tratamento. Mas, é preciso positivar com uma histrografia (radiografia do utero e trompas) se realmente há obstrução.

No caso específico da mulher as formas de esterilidade são tratáveis, e algumas com sucesso como no caso do infantilismo com insuficiência ovariana.

Basta um enérgico tratamen- hormonal bem controlado. Portanto diante de um caso destes, nunca abandonar a idéia de ver o lado masculino.

PALAVRAS AMIGAS AINDA NOSSO ANIVERSARIO

PARABENS DAS BAIANAS

MOMENTO FEMININO, com um ano de existência, já se impôs como um órgão educacional e orientador da mulher brasileira. Sua redação tem a inteligência de não lhe desperdiçar as colunas com trivialidades. Antes, aproveita-as avaramente para o levantamento e trato de toda a sorte de assuntos e que as mulheres estejam direta ou indiretamente ligadas.

Começa com "Nossos Problemas", de Arcelina, que não são dela, porque são mesmo nossos. E todo o jornal é um desenvolvimento dos problemas nossos, das mulheres de todas as condições sociais, destilando no palco de papel. A vida da gente pobre e sofrida dos morros e das favelas, em reportagens que comovem, revoltam e mostram quanto ainda temos que lutar por uma perfeita justiça social. O noticiário das Associações Femininas, uma revelação de como as mulheres já vão compreendendo a necessidade de se unirem para a defesa dos direitos seus e da sociedade. Colaborações de Nice Figueiredo, Ana Montenegro, Eline Matos, Léa, Lia Corrêa Dutra, Maria Clara, Ligia Lessa Bastos, Eneida, Alina Pam, Silvia Chaleco, Sagramor de Scuvero, Edilia Carneiro, Laura Austregesilo, Alice Tibiriçá e tantas outras mulheres brasileiras, patriotas, estudiosas, esclarecidas, que compreendem a obrigação de destinarem constantes momentos de sua vida

ao serviço da vida do próximo e da Pátria.

Semanas atrás faltou-nos qualquer coisa de agradável e habitual ao nosso espírito. Foi **MOMENTO FEMININO** que deixou temporariamente de circular, por dificuldades financeiras. Luiza Regis Braz, a gerente do jornal, de todas nós foi a que deve ter ficado mais triste. Mandamos-lhe, destas linhas, nossas palavras de conforto. Não lhe vão as de encorajamento, das quais ela não precisa, pois compreendemos que não pode deixar de ser uma mulher de coragem a que exerce a penosa função de gerente de um jornal combativo, popular e independente como o nosso **MOMENTO FEMININO**.

Ele faltou, mas voltou. Voltou nosso bebê de um ano e ancião de experiência, para continuar sua obra de guiar-nos no caminho da verdadeira posição da mulher como parte integrante da sociedade e colaboradora do homem.

Continua trazendo-nos o presente de seus ensinamentos, qual novo Papai Noel, diferente daquele outro Papai Noel do Natal, que só traz presente para os filhos dos abastados.

MOMENTO FEMININO, Papai Noel de nós todos, pobres ou ricos, dos bangalôs e das choupanas, das favelas e dos salões. Que venha sempre, enchendo de alento e coragem os barracos e os morros e abalando as consciências adormecidas nos palácios, — raio de luz esclarecendo a ignorância opressora e fulminando o opressor esclarecido.

MOMENTO FEMININO — "Peço de Alma do Povo" (porque o povo só tem alma, pois o corpo já está sendo acabado pela fome...) — a você, **MOMENTO FEMININO**, a sua Redação, a sua Gerência, e a nós todas, mulheres do Brasil, — nossos parabéns, — de suas amigas da União Democrática Feminina da Bahia e de todas as baianas que o lêem, o compreendem e que o querem com o coração e com a consciência.

EVANGELINA RIBEIRO
DO VALLE CABRAL

SÃO PAULO

VERA CRUZ

VERA CRUZ, julho de 1948

E' com bastante prazer que felicito **MOMENTO FEMININO** pelo seu primeiro aniversário e também as minhas amigas que tanto lutaram para a melhoria cada vez maior deste grande jornal, que luta em defesa doméstica, que merece ajuda o esforço de todas as mulheres do Brasil que devem compreender o quanto ele nos ensina e o quanto ele nos é necessário.

Todas as mulheres do Brasil devem ler este jornal e não perderem nenhum número.

Pois minhas boas amiguinhas, no dia 24 de julho de 1948 ele comemorou o seu primeiro aniversário. Imaginem a emoção de nossas amigas do jornal. Elas devem estar tão contentes e tão atarefadas, como quando uma mãe festeja o primeiro aniversário de seu primeiro filhinho.

Quise eu estar lá para ajudá-las com todo o prazer.

E aqui deixo os meus parabéns e desejo que este jornal siga cada vez mais de cabeça erguida e também as nossas amigas do jornal estejam cada vez mais com saúde para levar adiante este jornal que é um grande guia das mulheres do Brasil.

MARIA APARECIDA RODRIGUES

OUTRA SAUDAÇÃO

Ao **MOMENTO FEMININO** aqui ficam os sinceros parabéns e que cada vez mais de cabeça erguida, ele siga como um bom guia das mulheres do Brasil.

Maria Aparecida Rodrigues, Margarida Isabel Rodrigues, Venilba Finotti Ferrite, Leticia Ferrite, Piedade Manzano, Henriqueta I. Sampaio, Carmen Ferrite, Piedade Lima, Isabel Batista, Maria Marcelina Contão, Claudina Bernardes, Albertina Celestino, Maria Rosa Bernardes, Rosa Maria Bernardes, Antonieta Almeida, Cleide Maria Almeida, Aída Guilherme, Aparecida Guilherme, Idalina Guilherme, Ivani Luzia, Aparecida Luzia, Ivone Luzia, Francisca Gomes, Adélia G. Caravieri, Guionar Rodrigues, Ireny Luzia Rodrigues, Elisa Lopes, Dagmar Rodrigues, Maria Pereira Vieira e Maria José da Silva.

MINAS GERAIS

NOVA LIMA

A União das Donas de Casa de Nova Lima conseguiu que fosse aprovado por unanimidade na Câmara de Vereadores, o projeto de construção de um Mercado Municipal.

Foi um formidável trabalho das mineiras de Nova Lima, que realmente constituem uma força feminina da cidade e toda a população confia nas iniciativas sempre louváveis das donas de casa organizadas.

Com grande alegria a população de Nova Lima recebeu a aprovação do projeto e todos agradecem ao trabalho persistente das mulheres que batalham ardorosamente nessa campanha.

UBERLÂNDIA

"Uberlândia, 22 de julho de 1948.

Prezadas amigas:

Um ano!

E' com orgulho que registramos esta existência. Quer dizer que no Brasil existe um jornal que representa a vida da mulher brasileira. Mulheres que não pensam só em arrumar casa, em bordar, em praticar esportes, em festas, enfim, estão dando provas de maiores capacidades, como agir ativamente na vida política, porque mulheres que têm capacidade de dirigir um jornal veem demonstrar que também estão sentindo que a vida precisa de outras providências mais enérgicas: alertar as outras contra a carestia crescente, contra a guerra e também concitando-as para uma vida nova, vida ativa nos diversos problemas sociais.

Assim é que vemos o nosso querido "Momento Feminino" completar hoje um ano de existência. Este ano de vida, vem mostrar que todas as mulheres brasileiras souberam compreender

(Conclui na 15.ª pag.)



Alicia de La Peña, ilustre feminista, nossa amiga e diretora do jornal "Mujeres Argentinas", que se publica em Buenos Aires.

ARGENTINA

BUENOS AIRES, 27 de julho de 1948.

Estimada amiga, diretora de **MOMENTO FEMININO**.

Com grande prazer dirijo-me à você e por seu intermédio à redação, administração, bem como às inúmeras leitoras e amigas desse valente órgão feminino, fazendo-lhes chegar no primeiro aniversário de **MOMENTO FEMININO**, nossa cordial saudação e os votos de uma larga e frutífera vida jornalística, dedicada como até hoje ao serviço em defesa dos interesses de todas as mulheres brasileiras e do bem-estar, o progresso e a independência de nossa pátria, o país irmão — o Brasil.

Muitos e profundos são os problemas, as aspirações e as inquietudes que nos unem. Em maior ou menor grau sofremos os efeitos da carestia da vida, da falta de habitações adequadas; angustiamos a falta de proteção à mãe e à criança; não gozamos ainda, em geral, de todos os direitos a que temos direito devido a nossa crescente participação em todos os setores da vida. Todas nós, mulheres, da planície ou da montanha, das zonas tropicais ou das regiões temperadas, temos ao verificar que existem pessoas, como os imperialistas anglo-americanos e seus criados, que falam e preparam uma terceira guerra mundial.

Outro laço também nos une: o ardente desejo de melhorar nossa situação e concentrar todas as nossas forças para conseguir uma vida melhor para nossos lares e nossos filhos, para o progresso, o bem-estar e a independência de nossas nações. Por isto, surgem aqui e ali combativas organizações femininas. Por isto podemos ler as folhas que as mulheres americanas publicam como este **MOMENTO FEMININO** que tão exatamente reflete os sofrimentos e as lutas da mulher brasileira.

Em minha pátria, na República Argentina, não só criam-se associações de diversos caracteres nos bairros de nossa capital, nas cidades das províncias, como também já completou um ano a entidade que as agrupa, dirige e orienta: a União das Mulheres da Argentina, aderida à Federação Democrática Internacional de Mulheres, e que une em seu seio as mulheres de diferentes opiniões políticas e religiosas.

Uma prova do prestígio que rodia a U. M. A. e da firme consciência que anima em nossas mulheres será sem dúvida o primeiro Congresso que atualmente prepara e em cujo tema não deixa de figurar uma só das reivindicações das trabalhadoras da ci-

dade e do campo: mões, cidades, etc., e o problema que é comum a todas: a defesa da paz ameaçada pelo imperialismo yanque.

Como vêm, nossos problemas são similares. Por isto compreendemos muito bem o intenso papel esclarecedor que desempenha **MOMENTO FEMININO**, que, além disto, pela habilidade com que está feito, pela clareza de suas notas e simplicidade de sua linguagem, está sem dúvida alguma destinado a ser o melhor guia das mulheres brasileiras.

Desejo de todo coração que tenham êxito em todos os seus trabalhos e faço votos pela felicidade pessoal de vocês e a grandeza e independência de nossa pátria.

... a) ALCIRA DE LA PEÑA

URUGUAI

Da REVISTA NOSOTRAS — Diretora: Senador Julia Arévalo de Roche.

"Montevideo, 21-7-1948.

Um aniversário para um órgão de imprensa que nasce e se desenvolve ao calor popular, é sempre um motivo de regozijo para todos nós os que batalhamos pelo bem-estar dos povos. Por isto, nossa revista está hoje junto a vocês mulheres do "Momento Feminino" e de todo o Brasil, para expressar-lhes a satisfação que sentimos ao sabê-las ao nosso lado no trabalho de organizar as mulheres.

O jornalismo feminino é um trabalho difícil; é necessário chegar a um setor que acaba de nascer para os problemas coletivos, como uma força decisiva, mas que o faz com o extraordinário entusiasmo de que são capazes de sentir as mulheres, num afã de colocar-se à altura da hora presente. Daí a necessidade que temos, nós que devemos dar a visão das lutas das mulheres, tão rica em realizações, e ao mesmo tempo de cultivar a compreensão nelas, de buscar novas formas de expressão, novos métodos de trabalho.

Nesse sentido, "Momento Feminino" merece um aplauso.

Ao nascer, nossa revista, era a única publicação desse gênero no continente; hoje, três anos depois, já estamos celebrando um aniversário de "Momento Feminino". A ação feminina cresce e se amplia: as angústias e necessidades, lutas e triunfos das mulheres das fábricas e dos campos, das empregadas e das donas de casa estarão cada vez melhor interpretados pelas publicações que como "Momento Feminino" honram a rota para a qual foram criadas."



Júlia Santiago é vereadora em Recife (Pernambuco). Nossa amiga tem levado à Câmara Municipal daquela cidade os desejos e ambições da mulher pernambucana.

Nossa festa de aniversário



MOMENTO FEMININO festejou seu primeiro aniversário do dia 24 de junho, oferecendo uma tarde de alegria às crianças nossas amigas, filhas de nossos leitores e admiradores.

Desde cedo a comissão da festa desdobrou-se enfeitando todo o pátio interno do Colégio Roosevelt, gentilmente cedido pelo seu ilustre diretor.

Às 15 horas a criança começou a chegar, de todos os bairros. Crianças da Urca, de Copacabana, de Cascadura, da Penha, trazidas por seus pais, vinham contentes para a festa de **MOMENTO FEMININO** e tomavam conta do pátio, correndo, cantando, tirando prendas na pesca milagrosa, passeando de patins ou de bicicleta, de tudo o que lhes tinha sido preparado.

Um grupo infantil representou a peça "Povo do Visconde", numa homenagem a Monteiro Lobato — o escritor das crianças, jamais esquecido; — cânticos de recitativos e canto foram exibidos no palco, especialmente arranjados para a gurizada. Do que as crianças mais gostaram foi, sem dúvida, do Teatrinho de Marionetes, cedido e trabalhado com a boa vontade de d. Marieta Jackson e das amigas do Comitê de Mulheres. E o palhaço, que contava histórias e cantava pedindo o coro das crianças? Foi o complemento da tarde festiva, que **MOMENTO FEMININO** proporcionou a uma parcela de nossa infância, compreendendo que todas as crianças merecem viver alegres e felizes.

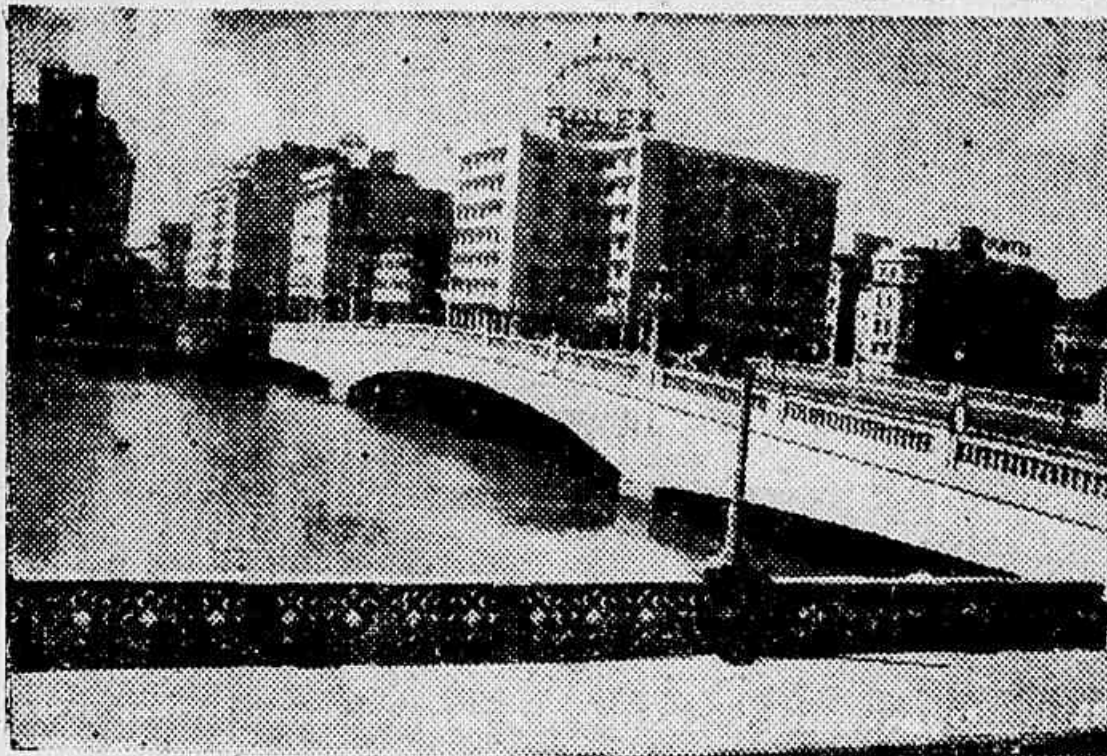
Para nós, do jornal, a realização dessa festa só nos trouxe contentamento. Ao mesmo tempo que distraímos as crianças, pudemos notar com que simpatia a iniciativa de **MOMENTO FEMININO** foi recebida. Enviaram-nos doces, salgadinhos, Guaraná, Coca-Cola e Gengicola, muitas prendas e

muita colaboração pessoal para o bom êxito da festa. Eram ofertas das mães e leitoras do nosso jornal.

A todos os nossos agradecimentos e muito especialmente ao sr. diretor do colégio e a seus funcionários, que até à noite ainda faziam a exibição de filmes para a petizada se divertir.



Momento Feminino nos Estados



PONTE DUARTE COELHO em Recife, a bela cidade do Nordeste

PERNAMBUCO

As pernambucanas e seus anseios como conquistá-las? Em grupos, em pequenas comissões, em organizações, incipientes começaram elas a dizer ao povo e aos administradores o quanto sofrem e de quanto necessitam.

Em todos os bairros a miséria é grande, as dificuldades aumentam e as providências são nulas.

Em todos os bairros elas as mulheres se agrupam e trabalham. Já compreenderam que braços cruzados significa entregar-se a decadência e ficar em desespero.

Unem-se e fundam organizações femininas para exigir medidas justas em favor de sua vida.

Recebemos carta de uma amiga, apelando para que "Momento Feminino", reflita os sofrimentos das mulheres de Pernambuco. Diz-nos ela: "Pernambuco não é apenas essa cidade bonita, considerada a Veneza do Brasil. É também uma capital pobre, com bairros descuidados, sem calçamento, com lamaçais, sem escolas, sem maternidades, sem postos médicos que satisficam as necessidades da população.

Vejam como vivemos aqui em Casa Amarela, bairro que apresenta um falso aspecto de entrada. Lá dentro, a gente é que sabe como se vive mal. Somos famílias de operários de fábrica, ajudantes de pedreiros, chaufferes, gente muito pobre mesmo.

Bebemos água de cacimba, em poços de 5 metros de profundidade. Raras são as casas que têm fossa e, assim mesmo raras, com 2 metros. Quase todo o mundo bota as porcelanas fora, nas valas das ruas. Isso é natural aqui, ninguém se incomodando com o mal que possa fazer. É o pior é que nunca passou por aqui a limpeza municipal. Luz nem se fala. Quem quer beber água melhorzinha, isto é, de uma fonte distante, compra a lata que vem nas carroças de burro a Cr\$ 0,70.

E a comida? Ah! imaginem que há famílias que nunca mais comeram tomate, porque não se pode comprar. A manteiga, fora da lata é Cr\$ 34,00 e aqui dentro, Cr\$ 40,00. Para isso os fiscais fecham os olhos, naturalmente levando uma latinha debaixo do braço. A carne passa à nosa porta a Cr\$ 10,00 o quilo mas nunca vem mais de 800 gramas.

Doença? Nem é bom falar. Toda criança aqui vive com paludismo, verminose, desintéria e tuberculose. São feinhas e raquíticas.

Agora vejam como podemos viver aqui. Somos, na maioria, lavadeiras e até nisso somos exploradas, porque agora apareceram uns "espertos" que nos cobram Cr 2,00 por banco de lavar nas fontes naturais. Também para isso o Prefeito está com os olhos fechados.

Já cansamos de ir à Câmara. Promessas e promessas e disso não passa. Agora vamos ver se nossa organização feminina dá geito nessas coisas.

Pelos menos, juntas temos de gritar que tudo está errado.

Como se vê e sente, o apelo angustiante das pernambucanas é justo. Ninguém pode se conformar com injustiça e miséria. Por isso elas se agrupam e procuram defender seus interesses, para a segurança do bem-estar de seus filhos.

BAHIA

AS MULHERES BAHIANAS NA COMEMORAÇÃO DO DIA 2 DE JULHO — A "União Democrática Feminina da Bahia" tomou parte expressiva na comemoração do dia 2 de julho este ano. Uma grande comissão da U.D.F.B. incorporou-se ao prestígio cívico, levando uma linda coroa de flores naturais amarelas, sobre palmas verdes, e fitas verde e amarelo, com uma faixa azul, branco e vermelha, cores da bandeira do Estado, com os dizeres: "HOMENAGEM DA UNIÃO DEMOCRÁTICA DA BAHIA AOS HERÓIS DE 1823".

Ao chegar o preito à Praça 2 de julho, essa coroa foi depositada no pedestal do Monumento dos heróis da Independência, falando a 2.ª Vice-Presidente, Profa. Consuelo da Silva Dantas, cujo discurso publicamos, e que causou ótima impressão e conquistou calorosos aplausos.

"A União Democrática Feminina da Bahia, entidade social de assistência e participação ativa da mulher em todos os setores da vida humana, vem, diante do povo desta terra, dizer que não poderia emudecer seus sentimentos nem fugir ao seu programa de interesse e cooperação em todos os assuntos onde se luta pelo estabelecimento do direito a liberdade ampla.

Vimos aqui não, porém, testar o nosso patriotismo que, se convence, não define nem caracteriza uma classe. A mulher bahiana atual, consciente de seu valor como membro da comunidade social, não quer nem admitir a contemplação abstrata, improdutiva, das coisas do passado.

Queremos, isto sim, ressaltar os fatos — mas nos convencendo que deles há de surgir o exemplo benéfico, tangível aos fatos atuais.

Situar o passado no presente é estabelecer distância inmensurável, nós o sabemos. Mas, Joana Angélica, Ana Nery, Maria Quitéria, se integram a nossa vida. Aquelas mulheres das históricas lutas de patriotismo e dedicação foram as precursoras inconscientes do admirável desenvolvimento feminino. Foram elas, heroínas, martires e, acima de tudo, valorosas na realização duma causa abnegada.

sentimental, humana. Transportando-as para a época em que vivemos, se sentir-se-iam elas capazes dessa marcha progressiva, dessa constante renovação de valores?

Sabemos que sim, — nós mulheres que pensamos e lutamos.

Seriam elas, cooperação e estímulo, que nos impeliriam muito mais ainda para um completo desenvolvimento. Seriam elas que, ainda agora, neste "2 de julho" de epopéias passadas e esperanças presentes, se juntariam as mulheres de todas as classes sociais, lançando o seu brado de independência, independência atual, de livre apelo a esta luta de fé, de coragem e certeza que as impediria à realização dum direito ao progresso e a felicidade de sua terra.

Seriam elas, por certo, que diriam, no "2 de julho" da Bahia, e do Brasil:

"Independência para o petróleo brasileiro, redimidos heróis de Cabrito e Pirajá!"

MINAS GERAIS

A União Feminina de Vila Rica, homenageando a sua secretária, sra. Luzia Magalhães, por ocasião de seu aniversário, ofereceu-lhe uma festa, com a participação de todas as associadas da União e pessoas da relação de amizade da aniversariante.

O sr. Vereador Virgílio Mineiro saudou a homenageada, além de outros oradores. Seguiu-se uma hora artística, um coro de crianças entoou o "Feliz Aniversário", e o conjunto infantil representou figuras de recitativos e bailados.

Todas as iniciativas tomadas durante a festa reverteram em benefício da escola da União, que manteve um curso infantil gratuito.

A Presidente da União usou da palavra para saudar também MOMENTO FEMININO pelo seu primeiro aniversário e salientou o papel que ele desempenha para o desenvolvimento feminino de Uberlândia.

JUIZ DE FORA — Joaquim Timoteo Rodrigues (presidente do Instituto Feminino de Juiz de Fora).

Amigos

Instalou-se dia 10 do corrente.

nesta cidade o Centro Municipal de Estudo e Defesa do Petróleo.

Dirigindo-a esse novo órgão a seguinte carta:

"Ao Centro Municipal de Estudo e Defesa do Petróleo.

No momento em que se instala em nossa cidade esse Centro, o Instituto Feminino de Juiz de Fora, certo de expressar os sentimentos patrióticos da mulher juizeforana, toma público a sua decisão de apoiar a campanha em defesa do nosso pe-

A MOCIDADE E A CORTESIA

HELENA

Querem que sejamos corteses. Falam que a nossa mocidade é estabonada, deslegante e mal educada. Antigamente não era assim, dizem todos os saudosistas. Uma senhora tinha sempre garantido um lugar no bonde, um rapaz contava, sempre, com um sorriso das jovens. As jovens ganhavam flôres e retribuía com bôlos gostos. Ninguém recebia uma visita indiscreta para jantar, sem o aviso de uma cartinha cheirosa muitos dias antes. Como se curavam bem os mancebos antes as madames sorridentes!

E os empregados, como serviam bem! Era minlia senhora pra lá, minha senhora pra cá, — que deseja, às suas ordens. Cada um sabia bem o seu lugar!

E, mas os tempos mudaram muito. Da mocidade de hoje se exige tanta coisa, que ela não se pode dar ao luxo da cortesia.

As moçoilas fazedora de bôlos foram substituídas por caixeiras, operárias, funcionárias e outras que trabalham para comer uma comida cara e ruim, que lutam para sustentar pais envelhecidos e irmãos doentes, que aturam as exigências de freguezas desocupadas e egoístas, que são obrigadas a servir, quando não querem, para ganhar gorgéts e percentagens.

Os rapazes beijadores de mãos deram lugar aos "boys" que sobem e descem os edifícios, aos trocadores de ônibus, aos caixeiros de lojas, aos homens que trabalham na rua e na terra, aos jovens que passam fome para cursar uma escola, aos que morrem nas guerras, aos que sofrem, sem prêmio, as consequências de suas bravuras de soldado, aos homens que guiam, com as pernas, com os braços e com a cabeça, os carros cheios de gente que lê jornal e que vai descansar em casa.

Dêss homens e dessas mulheres infelizes, mal pagos e mal alimentados, sem saúde sem ambiente e sem cultura, não se pode exigir civaturas e gentilezas. Por que um homem cansado tem de ceder lugar a uma mulher que às vezes, nada tem, goza de íntima saúde e suporta os maiores sacrifícios em nome da vaidade? Por que uma caixeira tem de ser amável com uma freguêsa impertinente, e por que há de se mostrar servilmente gentil e alegre quando está triste e não gosta da vida? Quem tem idoneidade para exigir de um trocador de ônibus, ou de um condutor de bonde que ele seja sempre cortês com os passageiros? Os passageiros irritados com os seus próprios problemas, ou patrões que nunca trabalharam com o público debaixo de sol ou de chuva? Que não pode ensinar aos seus filhos boas maneiras se o tempo mal dá para lavar tanques de roupa e ganhar uns níqueis miseráveis com que sustenta esses mesmos filhos?

A luta pela vida, nas condições de hoje, cansa o homem, esgota o espírito e o corpo. Não sobra força para mais nada.

E, além disso, é preferível que nossa mocidade seja decoriosa, mas que lute para a construção de um mundo melhor, em que os sorrisos convencionais desapareçam ante o riso franco dos que são felizes porque vivem bem, em que os jovens se curvem somente ante as mulheres e os homens de valor, em que as crianças não precisam morrer de miséria ou trabalhar para não morrer de fome, em que todos que trabalham tenham o direito de realizar os seus ideais. E não é com "cortesia" que se alcança tal objetivo.

tróleo, filiando-se ao Centro que hoje se instala. Assim o fazemos por compreender a necessidade de união de todo o povo em defesa da soberania nacional, em jogo nessa campanha. O S.F. convida as mulheres de Juiz de Fora — donas de casa, operários, estudantes e comerciárias a se organizarem em seus bairros e em seus trabalhos para reforçar a defesa do petróleo brasileiro, para paz e felicidade de nossa Pátria."

Como realizar uma assembléia de mulheres

Nossa amiga Maria Leda dos Santos, membro da Sociedade Feminina em Defesa do Lar, de Fortaleza, escreveu uma carta solicitando que nosso jornal publicasse o método mais prático e agradável de dirigir uma reunião de mulheres, pois com isso julgava que muito ajudaríamos a diversas associações femininas dos Estados.

Naturalmente nós de MOMENTO FEMININO não temos uma fórmula para o assunto, mas vamos procurar dizer alguma coisa.

Sabendo das dificuldades que têm as mulheres em sua luta diária, enfrentando filas, lavando roupa, cozinhando, cuidando dos filhos e hoje, em grande parte trabalhando fora do lar para ajudar o sustento da família, temos que realmente cuidar de fazer as reuniões femininas o mais leves e agradáveis porque, do contrário, a mulher virá uma vez e não voltará mais às reuniões.

Mas, somente fazê-las leves e agradáveis não basta. É preciso que em cada reunião seja tratado um assunto concreto. Por exemplo: se a luta em que a Associação estiver empenhada no momento for para conseguir uma creche no bairro, este assunto deve ser bem discutido e todas as presentes devem ficar com uma parcela mínima de trabalho para que sintam serem mesmo indispensáveis para conseguir aquilo que desejam, porque às vezes,

duas ou tres ficam sobrecarregadas de trabalho e outras não fazem nada, o que acaba por desinteressá-las. É claro que o trabalho deve ser bem distribuído e só deve ser dado um trabalho a uma determinada mulher, que esteja ao alcance de suas possibilidades executar.

É muito comum em assembléias femininas, e masculinas também... a diretoria, que está na mesa, falar, falar, e a assembléia pouco se manifestar. Isto torna as reuniões muito cansativas e pouco proveitosas e vivas. Porisso, achamos que a direção deve se esforçar em fazer as mulheres dizerem aquilo que sentem, embora em linguagem simples, porque temos visto o quanto pode ajudar qualquer deliberação de uma sociedade, as opiniões das pessoas interessadas. Isto é interessante também porque a medida que a mulher participa mais ativamente da vida pública, precisa ir se habituando a externar os seus pontos de vista.

As reuniões podem e devem ser variadas. Mensalmente por exemplo, pode a Associação tomar a iniciativa de, no fim da reunião, promover uma mesa de doces, para a qual todas as associadas devem concorrer com um pratinho e para esse dia, os filhos e maridos das sócias podem ser convidados. E na prática uma confraternização das associadas e das respectivas fami-

lias e temos a impressão que esta forma de agir, muito ligará as mulheres a associação, a que pertencem e uma associação só pode ir para a frente a medida que cada mulher sentir que esta é "sua".

Por que também não convidar às vezes uma associada para dirigir a Assembléia? Às vezes ela não é da diretoria mas gostaria de aprender a dirigir, não acham? Pode também dirigir melhor que a diretoria...

Antes de se ir para uma assembléia, julgamos indispensável que anteriormente, a diretoria se reúna para trocar idéias e conversar sobre todos os assuntos que naquele momento possam interessar às associadas.

Uma reunião feminina, pelos motivos que conhecemos não deve acabar tarde, pois além das mulheres ficarem muito cansadas após um dia de estafante trabalho, nem sempre as famílias e maridos gostam...

Se a Associação for somente de donas de casa e não de mulheres que tralhem fora, não será demais consultá-las sobre se preferem reunir à tarde ou à noite.

Enfim, as formas de se realizar uma reunião feminina são muitas. Temos que tentar todas as maneiras possíveis que agradem a maioria delas.

E, se alguém tiver sugestões sobre o assunto e esperiências a respeito, pedimos que enviem para a nossa redação. Assim nosso auxílio é mútuo.

* DE NOSSAS LEITORAS

O que mais me enche de admiração é a vida — se é que se pode chamar "vida" — de milhares de pessoas que habitam nos subúrbios de Portaleza, sem a mínima assistência social, sucumbindo aos poucos, para que o suplício da vida seja mais rude, sem saberem expressar de viva voz seus sofrimentos, verdadeiras estátuas do desespero. Famílias de dez pessoas tirando de míngua salário, o necessário para "vegetarem" por mais alguns dias. Homens por demais desiludidos, pobres escravos da vida que levam; mulheres fazendo cálculos para economizar qualquer centavo todos os dias, a fim de comprar uma veste pois, a outra já está em tiras ou um xarope para o filho e três ou quatro retalhos de fazenda para fazer camisinhas para o que está próximo a chegar...

Crianças barrigudinhas de vermes, com a palidez de sífilíticos, arrastam-se grudados à saia da mãe que losse... tuberculosos! Pergunta-se a uma mulher, mãe de quatro gurus doentes porque não os leva ao Centro de Saúde e ela responde "que não adianta".

Procura-se saber o motivo de tal resposta e ela explica:

— Quando um está mais doente que os outros, leva-se aquele. Primeiro, porque o dinheiro não dá para levar todos. Segundo, a hora que se sai de casa é por demais inconveniente e porque quando se chega ao "Centro" muitas já chegaram, estando a fila muito grande. O pior, porém, é que se espera até 11,30 horas e muitas vezes não se é atendida. Deixa-se tudo por fazer, as crianças sem alimentação; a viagem, perdida. Portanto, o melhor é deixá-los morrer, já que não se tem meios de dar-lhes o necessário".

No bairro de Vila Monteiro não existe lactário e, interessante e do-

PARECE INCRÍVEL... ISABEL RICARTE

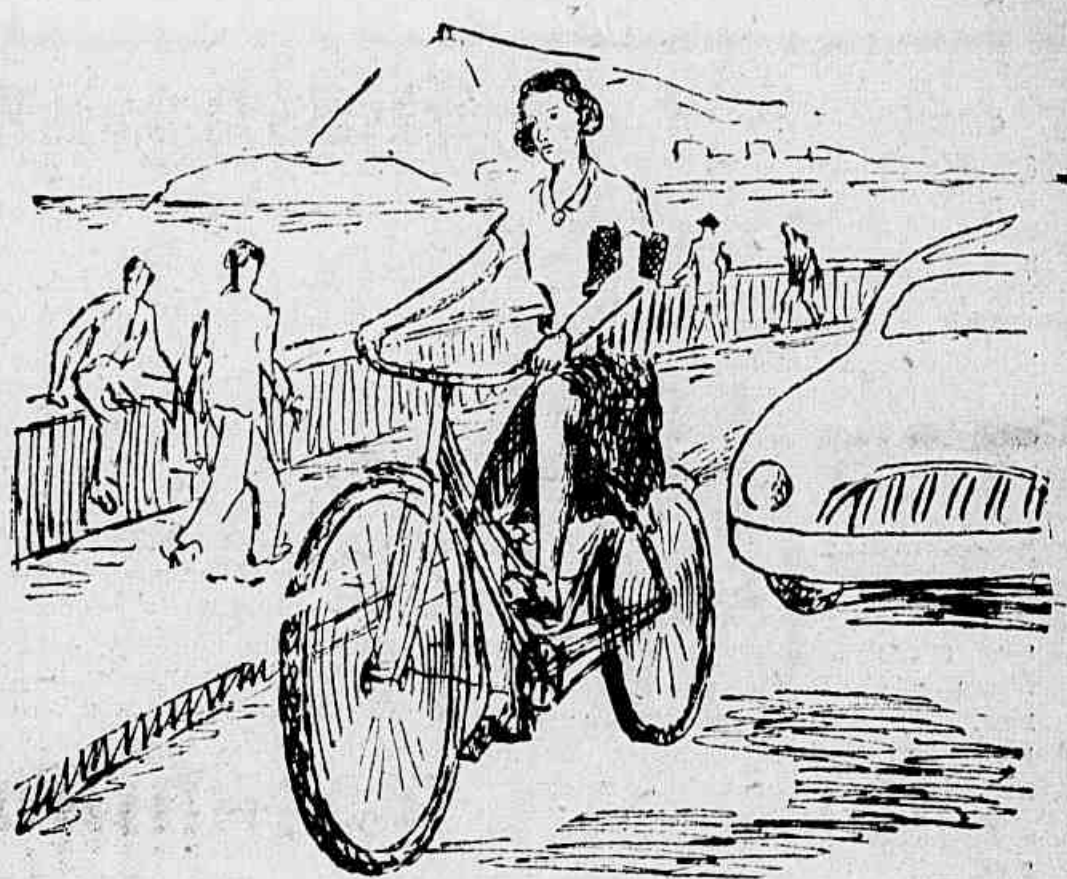
loroso, muitas mulheres desconhecem o que seja remédios, curam-se na tábua de engomar para ajudar na despesa de casa. Estas mulheres (muitas se assemelham a fantasmas, de tão fracas e doentes), sentem revolta por não terem direito de criar os filhos e vê-los crescer fortes e alegres. É uma revolta que vai crescendo sob a aparência de conformismo e que, mais dias menos dias, virá à tona sob a forma de uma união de todas as vítimas da carestia de vida sempre crescente; da falta de assistência à maternidade; à assustadora mortalidade infantil e a desproteção à infância e à juventude. Por isso, todas as mulheres, logo que se fala em organizar uma sociedade feminina, procuram saber qual o seu fim e ao saberem, acolhem entusiasmadas a idéia, elas próprias defenderem seus direitos, o direito de serem mães e criar e educar o fruto de seu sangue de seu sangue; defenderem o pão de seus filhos, dar-lhes escolas onde possam aprender a serem úteis. Qual a mãe que não sonha sorte melhor para seus filhos? Elas são humanas, divinamente humanas, em acalentarem seus sonhos de uma vida melhor para os que lhe são caros e para elas próprias. Não há nisso exagero, pois, vendo-as falar não se sabe expri-

mir por palavras escritas o que nos foi revelado em linguagem simples das massas sofredoras, quando expressam todos os sonhos semi-esquecidos e a nascente crença nela próprias em lutarem para que no amanhã, seus filhos possam se orgulhar da mãe que tiveram. Não há também, exagero fantasista no que escrevo, elas mesmas nos revelam a verdade. Parece incrível que, criaturas vivendo em tal estado de miséria possam sobreviver, porém, o que as mantém de pé, é a convicção de que um dia terão uma vida melhor, menos atribulada e menos miserável. São elas as que mais sofrem as consequências das crises econômicas e financeiras. Com salários baixíssimos, muitas vezes, com fome corroendo-lhes as vísceras, com grande número de doenças a entravecer-lhes os corpos por demais esgotados pela falta de nutrição e as labutas diárias é um verdadeiro milagre o sobreviverem. A mortalidade aumenta à medida que cresce o custo da vida, a tuberculose ceifa milhares de vidas, o envelhecimento precoce de um povo e, conseqüentemente, a morte prematura do povo em um país como o nosso. É um contraste doloroso, para não dizer vergonhoso, a vida longe dos elegantes bungalôs do centro urbano da cidade.

NICE FIGUEIREDO

ADVOGADA

Esc.: Av. Pres. Antônio Carlos, n. 207 — S/302-A
— Telefone 25-0347 —



A mulher e as distancias

Não sei o seu nome, sequer a sua profissão. Sei que vai confiante, uma pequena carteira sob o braço, pedalando uma bicicleta. São sete e meia da manhã, os ônibus passam cheios, raros os banhistas pelas muralhas, raros os pedestres. Ela vem de Botafogo, passa pelo Flamengo. Não leva nenhuma sacola alegre lembrando trabalhos de tricô ou verduras e frutas de alguma feira.

Essa é uma viajante estranha, nova, nessas manhãs cariocas. Ninguém parece notá-la: os guardas, as crianças que brincam pelos jardins, os passageiros dos carros. Ninguém parece notá-la, porém ela é uma realidade. Passa sóbria e responsável. Tenho a certeza que ela vai para o trabalho, assim o indicam seu traje e sua bolsa escura, sua vontade de vencer as distancias.

Olho a cidade. Está perto, sim, mas como está longe dessa mulher. Ela a alcançará, tenho certeza e o seu ar sóbrio e responsável é o que me dá essa certeza.

Não há trens, não há ônibus, não há táxis, nessas manhãs de trabalho e os relógios de ponto acusam nossas faltas.

Não sei o seu nome, sequer a sua profissão. Sei que é uma mulher que está travando uma nova forma de batalha.

Longe está a cidade, porém, tenho a certeza que ela a alcançará.

— Bem, mas o sabre é a arma que se emprega quando se luta corpo a corpo, — disse Poulter, involuntariamente caindo em guarda, ante o entusiasmo de Tom, e brandindo o sabre tão inesperadamente que o rapaz teve de saltar para trás, com toda agilidade.

— Espere, senhor Poulter, se o senhor vai mostrar o exercício, deixe-me ir chamar Felipe. Ele vai gostar de ver, sabe? — pediu Tom, consciente de que não ficara em seu lugar como deve fazer um inglês.

— Quem? O concudinha? — perguntou Poulter desdenhosamente: — Que é que adianta ele ver?

— Oh, mas ele entende muito de guerra! — explicou Tom: — E sabe como se lutava antigamente, com arcos, flechas, e machados de combate.

— Então chame-o, que eu vou mostrar algo diferente dos seus arcos e das suas flechas — disse Poulter, tossindo e esticando-se enquanto fazia um jogo especial com a munheca.

Tom correu a chamar Felipe, que estava passando a tarde ao piano, na sala, tirando árias de ouvido e cantando baixinho. Parecia supremamente feliz, encarapitado como uma trouxa disforme sobre o banco alto, a cabeça pendida para trás, os olhos fixados no teto, lábios abertos, cantando com toda a alma palavras improvisadas sobre uma ária de Arne, que era sua preferida.

— Venha, Felipe, chamou Tom, entrando: — Não fique aí tocando "lá-lá-lá", venha ver o velho Poulter fazer exercícios de sabre, na casa dos carros.

O inesperado dessa interrupção, a desalinhação da voz de Tom contrastando com as notas que Felipe tocava com corpo e alma, teriam sido bastantes para irritar-lhe o humor, mesmo que se não tratasse de Poulter, o mestre de exercício. Tom, na pressa de arranjar alguma coisa para dizer a Poulter, a fim de que este não pensasse que ele teve medo do sabre desembainhado, tinha sido leviano no convite para o companheiro, a pesar de bem saber que este aborrecia ouvi-lo falar das suas lições militares. Não fôsse a severa pressão do seu orgulho pessoal, Tom não teria sido tão inconsiderado.

Felipe estremeceu, visivelmente, ao parar a música. Depois, tornando-se rubro, exclamou com violenta paixão:

— Vá-se embora, seu barulhento idiota! Não venha me amolar! Você foi feito para falar apenas com cavalos de carroça!

Não era a primeira vez que Felipe se zangava com ele, mas Tom nunca tinha sido mimoso com ofensas verbais que ele tão bem entendesse. E respondeu imediatamente ao ímpeto de Felipe:

— Eu fui feito para falar com gente melhor do que você, seu fantasma, pobre de espírito! Você sabe que eu não lhe dou uns tapas porque você é pior que uma menina. Mas eu sou filho de um homem honesto, e seu pai é um velhaco, todo o mundo sabe disso!

Tom saiu da sala, batendo a porta atrás de si, estranhamente imprudente na sua raiva, porque bater portas com a probabilidade que bem podia ser punida com vinte linhas de Virgílio. De fato a senhora desceu do seu quarto, duplamente assustada com o barulho e a subsequente cessação da música de Felipe. E encontrou-o, encolhido, no genuflexório, chorando amargamente.

— Que é que há, Wakem? Que barulho foi esse? Quem bateu a porta?

passo que nos animais dotados do poder de cavar buracos na pedra, devem-se pressupor largos dotes para escavação, as faculdades do sr. Stelling tinham sido treinadas para conduzi-lo em linha reta, sem que ele tivesse faculdade para torcer o caminho. Mas entre os contemporâneos de Tom, que tinham sido postos pelos pais sob as vistas de clérigos que os fariam ignorantes durante muito tempo, vários eram muitíssimo menos felizes que Tom Tulliver. Educar era quase inteiramente questão de sorte, — em geral questão de sorte. O resultado dum jogo de baralho ou de dados é uma grande certeza, comparado com o da resolução dos nossos velhos avós, como o sr. Tulliver, quando escolhiam uma escola ou um tutor para os filhos. Homens excelentes, que em toda a vida de negócios, apesar das desvantagens, ganhavam dinheiro bastante para dar aos filhos um melhor princípio de vida do que tinham tido, haviam necessariamente de confiar na consciência e na competência do professor que lhes enviava circulares que pareciam prometer muito mais do que eles poderiam ter pensado em perguntar, inclusive a devolução dos livros, garfos e facas dos alunos. Era uma sorte para eles quando algum ambicioso vendedor de fazendas de suas relações levava o filho a educar na Igreja, e esse jovem, aos vinte e quatro anos, não terminava as dissoluções colegiais com um mau casamento. Em geral, os pais inocentes, desejosos de fazer o mais possível pela sua descendência, só podiam evitar o filho do vendedor de fazendas quando acontecia abrir-se uma escola secundária ainda não visitada pelos agentes, onde dois ou três rapazes podiam ter, só para eles, as vantagens de uma casa grande e pomposa, e, ao mesmo tempo, de um diretor desdentado, miope e surdo, cuja erudita falta de distinção e de atenção era paga por eles à razão de trezentas libras por cabeça — à primeira vista, sem dúvida alguma, uma escola oportuna para aperfeiçoamento, se bem que certos aperfeiçoamentos atinam a um grau não muito apreciado na praça.

Por isso Tom Tulliver, comparado a muitos outros jovens ingleses do seu tempo, que tiveram de atravessar a vida com alguns fragmentos de mais ou menos relevantes conhecimentos e uma grande dose de perfeita ignorância, não era assim tão infeliz. O senhor Stelling era um homem saudável, e forte, que se comportava como um cavalheiro, convicto de que um rapaz no período de crescimento precisa comer bastante carne e ter boa disposição, como Tom, parecendo satisfeito e gostando do jantar. Não tinha, o mesmo competência para a sua alta missão. Mas os cavalheiros incompetentes também precisam viver, e sem fortuna particular é difícil descobrir como possam levar vida regalada sem ter nada a ver com o ensino ou o governo. Além do mais, era culpa da constituição mental de Tom que as suas faculdades não se pudessem nutrir da espécie de conhecimentos que o sr. Stelling possuía para lhe transmitir. Um menino nascido com um deficiente poder de apreensão de símbolos e abstrações, deve sofrer a pena de sua deficiência congênita, como se ao invés disso houvesse nascido com uma perna mais curta que a outra. Um método de educação, sancionado pela longa prática de veneráveis antepassados, não era de ser abandonado ante a excepcional estupidez dum menino que até então apenas vegetara. E o sr. Stelling se convencera de que um rapaz tão impermeável a símbolos e abstrações tinha de ser impermeável a qualquer outra coisa, dado que o reverendo cavalheiro soubesse outras coisas para ensinar. Os nossos antepassados tinham prática de aplicar os

TERNURA HUMANA

Continuamos recebendo de nossas amigas donativos diversos para nossa campanha de Ternura Humana. Este foi o movimento do mês de junho:

RECEBIMENTOS

DRA. KAMITZ — 2 vestidos lã, 2 vestidos algodão, 2 casacos algodão, combinação algodão, camisa homem, 2 pares de sapatos senhora, blusa lã, 2 vestidos lã, 1 blusa lã, 1 calça lã homem, 1 paletó lã, 1 saia seda e 1 blusa lã.

FANIA — Combinação de seda, saia algodão, pullover de senhora, blusa algodão, camisa lã, saia lã, 2 pijamas de homem, calça pijama de homem e camisa de homem.

RAQUEL LOBO — 1 vestido algodão, 1 saia seda, 2 saias lã e 1 pullover de homem.

MME. BRAZ — 1 terno de casaca, 1 paletó seda, 1 blusa seda e 1 casaco de lã de senhora.

MME. MATOS — 1 blusa branca, 1 costume de criança e 1 paletó de criança.

Distribuímos:

1 terno, 1 camisa de lã, 1 pijama, 1 calça pijama, 1 terno casaca, 2 macacões, 1 casaco, 1 calcinha tricô e 1 macacão, a várias pessoas necessitadas.

UM EXEMPLO

"Recife, 26 de julho de 1948 — As mulheres pernambucanas, "fãs" de MOMENTO FEMININO resolveram, em homenagem à data do aniversário, ampliar a sua remessa, como meio de propagar e levar ao conhecimento de grande número de mulheres o seu portavo.

Saudações

a) Adelgaia".

Amparo à família dos penitenciários e à mulher em geral

DRA. YOLANDA MENDONÇA
(Advogada no Distrito Federal)

Há meses venho recebendo o jornal MOMENTO FEMININO, cuja diretora é a ilustre colega dra. Arcelina Mochel, dando largo desenvolvimento à defesa do direito da mulher.

Como advogada militante nos Foros de Porto Alegre e Rio de Janeiro, publicista e ex-promotora pública da cidade de Afonso Cláudio, Estado do Espírito Santo, habituada a observar, a sentir, a conviver mesmo com a falta de assistência social, moral, intelectual e afetiva da mulher brasileira, me permito dizer que poucas personalidades no Brasil conhecem melhor que eu, a penúria econômica da população feminina em todo o território nacional.

Maior alarde doloroso verificamos em Porto Alegre, morrer filhos de penitenciários e famílias de detentos famintos pelas ruas portolegenses, por falta de assistência

social à família dos penitenciários. Pronunciei uma conferência intitulada "Amparo à família dos penitenciários", em Porto Alegre, argumentando que no Rio Grande do Sul não havendo advogado pago pela Assistência Judiciária, redunda que o delinquente pobre não tem defesa e sua família mendiga pelas ruas, criando outros crimes.

Criminalista, tendo curso de doutorado pela Faculdade Nacional de Direito do Rio de Janeiro, dedico-me à prática forense na referida especialidade, conheço positivamente a vida dos detentos da Penitenciária de Porto Alegre, tendo passado tardes a examinar, a observar o comportamento dos detentos.

Aqui, no Rio de Janeiro, o problema mais palpitante de desamparo à mulher, é a prostituição e a mendicância. Não se obtém resultado prático em benefício à mulher, sem obrigar a qualquer mulher adquirir uma profissão. Sem o trabalho, sem capacidade laborativa, sem incentivo ao levantamento do nível intelectual da mulher, não se melhora a situação social da mulher no Brasil.

— Como se combater o marasmo, a miséria das mendigas, a pobreza da mulher no Brasil?

São complexos os fatos da patologia social, desde que a falta de assistência social acarreta múltiplos crimes.

Embora não possamos ser utilitários na criminalidade querendo-se a causa econômica (Turati, Bataglia), como predominante sendo mais plausíveis a educação (Ferri) e os desajustes, os conflitos do id com o super-ego (Freud), temos de alimentar a mulher, com o pão do corpo e do intelecto.

A mulher no Brasil ainda está desamparada pelas leis. Mais uma forma de não saber revelar-se, por-

que, geralmente analfabeta, não pode compreender sua própria derrocada. É preciso que saibamos que somente a cultura intelectual, ilustrando-se a mulher, ensinando-lhe a trabalhar, a agir por si própria, é que se poderá melhorar a miséria econômica da camponês. Devemos chamar, pedir, exigir às senhoras ricas, que cooperem com o governo sob quaisquer setores, na fundação de Institutos Profissionais, Escolas, Casas para habitação, etc., para mulher desamparada, camponesa, família do condenado. Assim, lancei meu apelo às senhoras da alta sociedade brasileira, fundamentando-me num sentimento de humanidade que cooperem, auxiliem, iniciem a construção de casas para a mulher desvalida e, sobretudo, à família dos penitenciários.

IMPRESSÕES

"Associação Santa Teresinha", de Murupira

Temos apreciado com atenção o jornal "Momento Feminino", porque é um jornal que educa e ajuda o povo pobre de nossa terra. Defende as nossas riquezas, as nossas jazidas petrolíferas e as nossas famas tão ricas e tão prejudicadas pelos avaros estrangeiros. "Momento Feminino" estará sempre a nosso lado, em nossa defesa mostrando o valor da mulher brasileira, sempre na vanguarda da luta pela soberania de nossa pátria.

PRESIDENTE: MARIA ROSÁLIA DE PAULA

"Momento Feminino" é um jornal muito bem feito; conhece outros jornais de mulheres, mas não tão bem feito, capaz de agradar a mais exigente das mulheres porque "Momento Feminino" tem de tudo um pouco.

Teresinha — Leitora de "Momento Feminino".

ASSINE

MOMENTO FEMININO

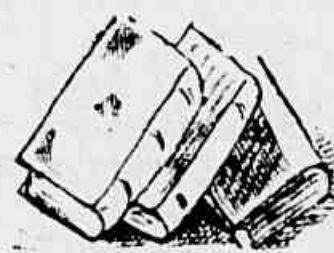
3 MESES CR\$ 12,00
6 MESES CR\$ 22,00
2 MESES CR\$ 40,00

Pedidos para a Gerente

Luiza Regis Braz

Caixa Postal, 2013

RIO DE JANEIRO.



Revistas

REVISTAS ESTRANGEIRAS

Cultura Política — Filosofia — Ciência
Pedidos pelo Reembolso Postal

Editorial Vitória Ltda.

Rua do Carmo 6, 13º andar, sala 1.306, Rio

mal, até fazerem confessar fatos não-existentes. Partindo eles da opinião prefixada da existência dos fatos, que mais deviam fazer senão apertar a rosca dos instrumentos? Da mesma forma, o senhor Stelling tinha a opinião formada de que todo menino de alguma capacidade podia apreender aquilo que era ensinado regularmente: se eles eram matrasados, apertava-se a rosca, insistia-se nos exercícios, com severidade crescente, aplicando-se uma página de Virgílio como penalidade, para encorajar e estimular as inclinações muito fracas para o verso latino.

De forma alguma foi desapertada a rosca, durante esse segundo semestre. Felipe estava tão adiantado nos seus estudos e era tão capaz, que o sr. Stelling podia adquirir crédito a custa dessa facilidade que não precisava de auxílio, mais facilmente do que pelo duvidoso processo de vencer a estupidez de Tom. Muitas vezes os cavalheiros de peito largo e intenções ambiciosas desapertam os amigos por não poderem empurrar o mundo. Talvez seja essa a razão por que grandes recompensas demandem alguma outra desusada qualificação que não seja a de grandes prêmios. Talvez porque esses valentes cavalheiros sejam meio indolentes, tendo a sua "divinae particulum aurae" impedindo-os de elevar-se além dum apetite demasiado voraz. Seja esta ou outra a razão, o certo é que o sr. Stelling adiou a execução de muitos projetos espirituais, e não começou, nas suas horas de lazer, a edição da sua tragédia grega, ou de qualquer outra obra escolar, mas, fechando resolutamente, à chave, a sua biblioteca particular, iniciou a leitura duma das novelas de Theodore Hook. Os erros de Tom nas lições foram punidos com menos rigor, pois tendo a ajuda de Felipe, ele podia exibir-se como se houvesse aplicado o espírito num caminho embaraçoso e confuso, sem que se indagasse mais aprofundadamente se o seu espírito não tinha sido elemento inteiramente neutro nessa travessia. Sob essa modificação de circunstâncias, o rapaz passou a julgar a escola bem tolerável. E prosseguiu mais a contento, recebendo um verniz de educação que absolutamente não se podia julgar legítima educação, pois apenas lhe foi ministrada a prática de ler, escrever e contar, atrapalhada por uma trabalhosa aplicação de idéias ininteligíveis e por muito esforço falho de decorar as lições.

Esse treinamento, entretanto, produziu visível efeito no jovem Tulliver, talvez porque ele não fosse uma abstração de rapaz, servindo apenas para ilustrar defeitos duma educação errada, mas um rapaz de carne e osso, com disposições não inteiramente à mercê das circunstâncias.

Houve muito bom resultado, por exemplo, no aumento da sua atenção. E parte desse resultado foi devido ao sr. Poulter, professor primário da vila, o qual, tendo sido um velho soldado peninsular, foi encarregado de instruir Tom militarmente, com mútua simpatia. Poulter, que no Batalhão do Cisne Preto dizia ter outrora infundido o terror entre os franceses, não era pessoalmente formidável. Tinha até um aspecto de fraco, e de manhã se apresentava trêmulo, não pela idade, mas devido à perversidade dos meninos de King's Lorton, que só podiam ser por ele aturados com firmeza à custa de genebra. Andava ainda com porte marcial, escovava escrupulosamente a roupa e usava calças sempre bem passadas. As quartas e sábados, à tarde, quando vinha dar aula, Tom, inspirava-se com as velhas memórias, o que lhe dava ar excepcionalmente espiritual, como um soldado extenuado que escutasse um tambor. O exercício militar era prolongado sempre pela narrativa de episódios guerreiros, muito

mais interessantes para Tom do que as histórias que Felipe tirava da "Ilíada", pois na "Ilíada" não havia canhões, e além disso Tom ficava desgostoso ao imaginar que Heitor e Aquiles possivelmente não tinham existido. O Duque de Wellington tinha vivido de verdade, e Bony fazia pouco tempo que morrera, por isso as reminiscências de Poulter sobre a Guerra Peninsular não podiam ser suspeitas de mitológicas. Poulter parecia ter tido uma conspícua figura de Talavera, e não contribuía nem um pouco para o peculiar terror com que o seu regimento de infantaria era visto pelo inimigo. Nas tardes em que sua memória estava mais estimulada que habitualmente, ele lembrava que o Duque de Wellington (muito em particular, para não despertar invejas) havia expressado sua estima pelo bom Poulter. O próprio cirurgião que o acudiu no hospital, quando ele recebeu o seu ferimento de bala, ficara profundamente impressionado com a superioridade da carne de Poulter, pois nenhuma carne reagiria assim. Nos pontos menos pessoais, concernentes à importante guerra em que estivera engajado, Poulter era mais reticente, cuidando em não dar o cunho da sua autoridade a alguma esquecida noção da história militar. Quem quer que pretendesse conhecer o que ocorrera no cerco de Badajos, era especialmente objeto de silenciosa piedade de parte de Poulter. Era preciso que essa pessoa tão teórica tivesse estado lá e tivesse pôsto os bofes de fora, como ele, na primeira retirada, para então poder falar do cerco de Badajos! Tom não deixava de irritar ocasionalmente o mestre de armas, com a sua curiosidade a respeito de outros assuntos militares, além da experiência pessoal de Poulter.

— E o General Wolfe, sr. Poulter? Não era um grande guerreiro? perguntava Tom, que tinha a impressão de que todo herói marcial, comemorado publicamente, havia estado na mesma guerra que Bony.

— Que o que, absolutamente! retorquia o mestre. — De forma alguma! Sentido! — acrescentava em voz de comando, que deliciava Tom, fazendo-o sentir-se como se só ele fosse um regimento completo.

— Não, não! continuava Poulter, fazendo uma pausa na aula:

— Que ninguém me fale do General Wolfe! Só o que ele fez foi morrer do ferimento, o que eu acho muito pouco. Qualquer um teria morrido do ferimento que eu tive... Apenas um dos meus golpes de sabre teria matado um sujeito como o general Wolfe...

Sr. Poulter — pediu Tom, à alusão, ao sabre, — eu queria que o senhor trouxesse seu sabre para fazermos exercício!

Muito tempo o professor ficou sacudindo a cabeça de maneira significativa ante o pedido, e sorriu paternalmente, como Júpiter deve ter feito quando Semele lhe apresentou solicitação demasiado ambiciosa. Mas uma tarde, em que uma súbita pancada de chuva deteve Poulter vinte minutos mais do que de costume no Cisne Preto, o sabre apareceu — só para Tom ver.

— E esse é mesmo osabre com que o senhor lutou em todas as batalhas, sr. Poulter? perguntou o rapaz, afagando a arma: — E com ele foi cortada fora a cabeça de algum francês?

— Se cortou um cabeça? Claro, ainda que cada inimigo tivesse três cabeças!

— Mas além disso o senhor não tinha uma espingarda e uma baioneta? Eu gostaria mais de usar a espingarda com a baioneta, porque podia, atirar primeiro e espetar depois. Pm! Pss — Tom fez a pantomima necessária para indicar o duplo emprego de puxar o gatilho e fincar a lâmina.

Sonho de ontem, realidade de hoje

LÉDA FERRARO

MOMENTO FEMININO é um acontecimento cuja importância só podem considerar aqueles que compreendem o que significava para a mulher, em 1800, sair do ninho paterno.

Quando Frances Willard, a grande educadora americana, quis seguir o seu caminho aspirando beneficiar a grande família que é a Humanidade, e, justamente por isso, deixando a sua própria, apresentou a seus pais um dos mais interessantes argumentos: "Mas, papai, seu grande demônio para ficar no ninho como um pássaro, isto é uma anomalia na história natural", não pensava que lutavam, ela e outras, pelo que hoje é uma realidade. E as páginas da imprensa feminina atual registram a realização de seu sonho!

MOMENTO FEMININO é uma revista que, como as outras, fala de rádio, publica fotografias de Hollywood, conselhos de puericultura, de gramática, de moda e de arte culinária; que, como fonte de atração, apresenta a sua seção de grafologia, de contos; mas que, apresentando também seções palpitantes como "nossos problemas", "uma história por semana", "a mulher nos cinco continentes", "o mundo de hoje" — assume um

caráter humano, real, independente e essencialmente feminino no que diz respeito não só ao seu coração, como ao seu cérebro.

"Ternura Feminina", entretanto, esta seção que é de assistência social, merece uma particular consideração elogiável devido ao seu caráter humanístico que é o da solidariedade humana, sua finalidade de solicitar dos que podem dar para aqueles que devem receber; mas, ao mesmo tempo, merece um reparo considerando o fato de serem citados os nomes daqueles que recebem as ofertas. Zé é está, pois, de parabéns pelo seu trabalho contínuo, incansável, mas que o beneficiado seja alguém dentro da natureza, nosso irmão, aquele tímido chefe de família que talvez se sinta envergonhado da sua miséria.

Cremos que, se a finalidade destas páginas vibrantes é nos ofertar binóculos para a vida, nos fazer sentir o "outro", aquele que ao lado, sofre e precisa de nós e principalmente, é nos apresentar as realizações da mulher no mundo de hoje na sua tarefa grandiosa e ingente — tem o MOMENTO FEMININO, indiscutivelmente, um relevante papel.

Através das notícias das associações femininas sente-se que o sonho da mulher de ontem é uma realidade palpante, e isto significa que elas lutaram e lutam por um mundo melhor, e a conseguiram.

MUSICA



No auditório da Associação Brasileira de Imprensa, realizou-se, a 28 de julho, o esperado recital do pianista brasileiro Fioravanti Testa.

Apresentando-se com um belo programa folclórico, enriquecido pelos seus arranjos e estilizações, Fioravanti deu-nos, com o seu concerto, uma alta e inesquecível hora de arte. Motivos ameríndios, lendas brasileiras, ritmos crioulos, pedaços líricos do nosso sertão, esse poeta do piano soube transportar para o teclado com uma enorme sensibilidade de criador e de intérprete.

Ao encerrar-se a segunda parte com a última nota de "Meracatti", de A. Figueiredo, invocação de escravos a um deus africano, os aplausos da assistência foram tão cheios de calor e de grata emoção que o grande folclorista a todos brindou com um número extra: "Pingo d'água", de Evaldo Souza.

O próximo concerto de Fioravanti Testa será ainda nesta capital, em setembro.

M. S. P.

Seguiu, a Delegação Brasileira à Conferência Mundial de Bandeirantes

A bordo de um aparelho da Panair do Brasil, seguiu para Nova York, há dias, partindo da Base Aérea do Galeão, a delegação do nosso país à XII Conferência Mundial de Bandeirantes, a realizar-se na cidade de Cooperstown, nos Estados Unidos. São trinta e nove "girl guides" brasileiras, sob a chefia da sra. Adele Lynch, presidente da Federação das Bandeirantes do Brasil. A representação do nosso país será uma das anfitriãs do certame.

EXIGÊNCIAS FEMININAS

TÓQUIO, 5 (U. P.) — As esposas dos principais homens de negócios da povoação de Ichinoseki, "cansadas de sofrer", organizam-se numa espécie de sindicato e apresentaram aos seus maridos uma lista de condições chamando-os de "injustos". As condições apresentadas pelas esposas japonesas aos seus "desconsiderados" maridos são as seguintes:

1 — Os esposos devem regressar ao lar antes das 18 horas.

2 — Os esposos não devem beber mais de 4 litros de bebidas alcoólicas na rua.

3 — Os esposos devem abster-se de chamar suas esposas de modo imperativo, como, por exemplo: "venha cá".

As esposas ameaçam com a greve e até com o divórcio se os maridos não concordarem com tais exigências.

QUEM PERDEU?

Está em nossa redação a disposição de seu dono uma canela tinteiro encontrada na festa de nosso aniversário.

PASSEIO

(Conclui na 3.ª página)
deitar no seu leito, de refazer todos os seus movimentos e toda a sua rotina de cada dia. E como para afastar-se ainda mais daquele apartamento sinistro e do instante em que teria de voltar a ele, ergueu-se e, tomando a encontrar de súbito a primeira alameda do bosque, entrou num bosque para assentar-se sobre a relva...

Ouvia em derredor, acima, por toda parte, um rumor confuso, imenso, feito de ruídos inumeráveis e diferentes, um rumor surdo, próximo, longínquo: a respiração de

AGRADECEMOS

As contribuições de um democrata do Fôro, Cr\$ 75,00 e Noêmia Sales, Cr\$ 50,00. Nossa vida vai assim apoiada pelos que compreenderam o valor e a necessidade de um jornal para mulheres brasileiras.

Eudoxia de Oliveira, impossibilitada de comparecer à nossa festa telegrafou-nos com ternura e entusiasmo. Agradecemos, Eudoxia.

TROVAS POPULARES

Quando pisei neste mundo
Foi de viola na mão,
Tocando o meu choradinho,
Dancando numa função.

Viola tu também amas,
Também tu sentes paixão.
O teu corpo de madeira
Tem forma de coração.

Esta noite tive um sonho,
Um sonho muito atrevido.
Sonhei que tinha em meus braços
A forma de teu vestido.

No coração moram sonhos,
Como pombas nos ramais.
Mas as pombas vão e vêm,
Eles vão, não voltam mais...

O fogo nasce da lenha,
A lenha nasce do chão.
Sem querer nasce dos olhos,
O amor do coração.

SOCIAIS

No dia 2 do corrente festejou o seu aniversário Sebastiana Reis, amiga e propagandista de MOMENTO FEMININO, moradora no bairro de Laranjeiras.

No dia 2 do corrente festejou o seu aniversário a jovem Valná, moradora na Urca e estudante do Educandário Rui Barbosa. Amiga e leitora de MOMENTO FEMININO.

No dia 10 do corrente transcorrerá o aniversário de Dionísia Brandão, moradora na Urca e leitora de MOMENTO FEMININO.

A todas as nossas felicitações e votos de saúde.



Nasceu a 1.º do corrente um menino bonito e forte chamado Mário Henrique, filho do casal Mário Lago. Os papais estão radiantes.

Realizou-se a 3 do corrente o casamento de Aristeu Magalhães, da "Tribuna Popular" e Zélia Marques. Ao ato compareceram amigos de ambos, inclusive uma representante de nosso jornal.

Nasceu no dia 2 do corrente o menino Luri, filho de Zilda e João Xavier, leitores e amigos de MOMENTO FEMININO, moradores em Bento Ribeiro.

Aos pais e ao garotinho nossos votos de saúde e felicidade.

Paris, ofegando como uma criatura colossal.

O sol já alto derramava uma onda de luz sobre o bosque de Bonilha. Alguns carros começavam a circular; e os cavalheiros chegavam alegremente.

Um casal caminhava a passo por uma alameda deserta. De repente, a jovem, erguendo os olhos, percebeu nos galhos qualquer coisa escura; ergueu a mão, atônita, inquieta:

— Olha... que é aquilo?
Depois, saltando um grito, deixou-se cair nos braços do companheiro, que teve de a depor em terra.

Os guardas, chamados em seguida, desengancharam um velho que se enforcara nos suspensórios. Verificou-se que a morte remontava a noite precedente. Os papéis encontrados em seu poder revelaram que ele era guarda-livros da firma Labute & Cia., e que se chamava Leres.

Atribuiu-se a morte a um suicídio por motivos ignorados. Talvez um súbito acesso de loucura...



CEIA DE DOMINGO

PARA SEIS PESSOAS — CÂNJICA, CAFÉ COM LEITE, PÃO TORRADO, BOLO

Por DALILA

CÂNJICA



INGREDIENTES — meio quilo de milho, meia xícara de açúcar, uma pitada de sal, um côco, alguns cravos de doce ou um pedaço de canela.

MODO DE PREPARAR — Lave bastante meio quilo de milho (compra-se na feira ou em qualquer armazém; o milho amarelo é mais saboroso) e ponha num caldeirão com bastante água. Junte uma colherzinha de sal fino e meia xícara de açúcar. Deixe cozinhar durante quatro horas, tendo o cuidado de mexer algumas vezes para não pegar no fundo do caldeirão. Vá pondo água suficiente para não ficar muito grosso, experimente se o milho está cozido. Tire leite de um côco (ou use leite de côco em lata) e junte com o açúcar que for necessário a seu paladar. Deixe ferver cinco minutos. Deve usar alguns cravos de doce ou um pedaço de canela.

Pode servir quente ou fria em tigelinha de barro, porcelana ou pirex.

BOLO

INGREDIENTES — 2 xícaras de farinha de trigo peneirada, 1 xícara de maizena, 3 ovos, uma xícara de manteiga, uma xícara de leite, duas xícaras de açúcar (rasas), 1 colher de sopa de fermento.

MODO DE PREPARAR — Bata a manteiga com o açúcar até formar uma pasta. Junte as gemas dos ovos, o fermento, depois o leite e uma xícara de farinha de trigo. Batendo-se sempre misturando-se a maizena, a farinha de trigo. Depois de tudo muito bem misturado, ponha as claras em neve batendo bastante para que fique uma massa por igual. Leve ao forno quente em forma bem untada de manteiga.

PÃO TORRADO

MODO DE PREPARAR — Caso não tenha torradeira, corte o pão em fatias, ponha manteiga e leve ao forno. Pode-se usar também numa frigideira ao fogo brando. Vá virando as fatias de pão para não torrar mais de um lado.

No próximo número darei outra receita para variar a ceia com cuscuz de milho, de tapioca, etc.



TRATAMENTO DO CASAL ESTERIL
CLÍNICA E CIRURGIA DE SENHORAS

DR. CAMPOS DA PAZ FILHO

Ginecol. da CAP da Light — Laureado pela Academia Med. — Consultas com hora marcada — Edifício Carioca, sala 218 — às 16 horas — Tel. 42-7550

UBERLANDIA

(Conclusão da pág. 12)
der o valor deste jornal, como um fiel amigo e auxiliar para os graves problemas que vêm surgindo e precisam de ser solucionados. Muitos são contra a imprensa, dizendo que a imprensa não mata fome de ninguém. Mas a imprensa orienta, aponta o caminho mais fácil para sairmos de certas dificuldades. E é justamente isso que o "Momento Feminino" está praticando. Está encaminhando as mulheres a se organizar em União Femininas, porque as União reforçam as opiniões, na luta contra os abusos excessivos, pelo aumento da água, pelo barateamento do custo da vida, pela mais fácil educa-

ção dos filhos, pela salvação das novas gerações da prostituição, e muitos outros problemas que estão na responsabilidade da mulher.

Vendo isso tudo, Uberlandia não podia deixar de lembrar esta data que marca uma vitória na vida da mulher brasileira. E' por isso que todas as amigas do "Momento Feminino" enviam esta carta de felicitações, com o desejo de que no ano de 1949, neste mesmo dia, "Momento Feminino" esteja mais vigoroso, mais querido e venha de um trabalho mais sólido pelas União Femininas.

Pelas mulheres de Uberlandia: -- Ana Gonçalves Tomazell, Maria José G. Schurdt, Matilde Pereira Silva, Olívia Calabria, Nadir Silva, Lucia Rugau, Olga Rugau, Dalva Nascimento, Joana Nogueira Pires, Maria das Dores Andrade, Irma Gouvêa de Paiva, Maria José da Silva Bonetti, Dirce Silva, Olinda Aurora da Silva, Zilda Silva, Aparecida Cardoso, Adelita Cunha, Celia Cesar da Cunha, Zelia Cesar Cunha, Haydée Calabria, Josina Aiube.

MOMENTO
Feminino

Diretora:
ARCELINA MOCHEL

Gerente:
LUIZA REGIS BRAZ

Redação e Administração:
AV. RIO BRANCO, 257
Sala 715 — C. Postal 2013
Rio de Janeiro

Número Avulso. Cr\$ 1,00
Atrasado Cr\$ 2,00

Fracassaram nos Estados Unidos as saias compridas

São Paulo, 31 (Asp.) — Maria Monteiro M. Perez, que acaba de gozar um prêmio de viagem aos Estados Unidos, regressando a São Paulo, declarou ter observado que as saias compridas não pegaram entre as norte-americanas. Acrescentou ter visto algumas em Nova York, principalmente à noite, mas não tão compridas como no Brasil.



II

Nem gorda nem magra, essa é incontestavelmente a linha melhor para a beleza feminina. A magreza é inestética, principalmente no mundo atual em que a mulher deve ser esportiva e sadia. O excesso de gordura tira da mulher esse ar esportivo e envelhece prematuramente. Como então manter seu peso? Essa uma das mais importantes práticas para a beleza feminina. Manter o mesmo peso; não se deixar engordar nem emagrecer, pois que ambos levam às carnes flácidas, à elasticidade dos tecidos. Vencer a magreza é, para outras, um dever imediato. O que mais importa é ver as razões que levam à gordura e à magreza. E isso só um médico especialista em nutrição e aparelho digestivo pode e deve resolver. Nada de uso desses chamados remédios para engordar ou (e principalmente) esses perigosíssimos remédios para emagrecer. É preciso ver se a causa da magreza não é uma subalimentação ou deficiência alimentar e para isso deve ser ouvido um médico.

O excesso de trabalho tira o apetite. Assim, depois de um dia de lufalufa (a vida custa tão caro...) uma vigorosa fricção de álcool ou água de colônia e alguns minutos de repouso completo, deitada, dará ao organismo forças para recomeçar.

As pessoas magras geralmente tem secreções gástricas, insuficientes. O líquido tomado às refeições reduz ainda mais essas secreções, daí ser desaconselhável o beber água nas refeições, devendo ser feito somente três horas depois. Para essas pessoas necessitando de quilos, várias práticas são aconselháveis, principalmente a de estabelecer regularidade no horário das refeições. Há uma sincronização entre o relógio do tempo e o relógio de nosso organismo.

Tanto para as magras quanto para as gordas aconselhamos a ginástica matinal. Nada melhor para a definição das linhas do corpo, principalmente quando essa ginástica é feita de maneira dirigida e séria. Seu busto, seus ombros (principalmente agora que saíram da moda os enchimentos) sua cintura, a rigidez dos músculos, tudo isso é desenvolvido, apurado e controlado pela ginástica.

Nem gorda nem magra, essa a linha melhor para a beleza feminina.

IZADORA

INVERNO CARIOCA ESTE ANO FOI UMA SURPRESA. O CALOR ENCHE OS DIAS. OS MULHERES NÃO SABEM O QUE VESTIR. NOSSOS MODELOS SERVEM PARA OS DIAS DE VERÃO NESTE INVERNO.